



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Leonardo Lima da Silva

**UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA DOS DISCURSOS OFICIAIS DO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA, JAIR MESSIAS BOLSONARO, EM RELAÇÃO À PANDEMIA DE
COVID-19: Um estudo das categorias de pessoa, tempo e espaço.**

Porto Alegre
2022

Leonardo Lima da Silva

**UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA DOS DISCURSOS OFICIAIS DO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA, JAIR MESSIAS BOLSONARO, EM RELAÇÃO À PANDEMIA DE
COVID-19: Um estudo das categorias de pessoa, tempo e espaço**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Jacqueline Vieira

Porto Alegre
2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar essa dissertação às seguintes pessoas.

Minha esposa, Angela Brunetto, por ter acreditado que isso seria possível e ter me apoiado por toda minha trajetória.

Minha Mãe que, mesmo na sua simplicidade, sempre colocou o meu estudo em primeiro lugar.

Meu amigo e irmão, Valdoir Winkelmann, pelas conversas, experiências e incentivos.

Minha orientadora, Alessandra Jacqueline Vieira, pela sua instrução e paciência as quais ajudaram muito em todo processo de construção deste trabalho.

Minha amiga, colega e parceira– Maria Rita da Rosa Oliveira– pelas barroquices, trabalhos, conselhos, e apoio nos momentos difíceis.

Meu querido amigo, Paulo Gabriel Alves, por ser uma das primeiras pessoas a me acolher na Universidade, dando-me apoio, direcionamentos e muito café.

Meus alunos que são minha principal fonte de inspiração na busca pelo conhecimento.

Meus colegas e amigos do Colégio Pró-Futuro pelas risadas, pelo carinho, e principalmente pelos aprendizados.

Por fim, queria agradecer à UFRGS e seus professores pelo ensino público e de qualidade que me foi ofertado.

Contudo, é fato que teriam tantos outros nomes de parentes, colegas, amigos e intuições que, de alguma forma, ajudaram na construção da pessoa e do profissional que está escrevendo essas linhas, sendo– assim– impossível citar todos. Peço desculpas caso tenha esquecido de alguém, mas a memória pode ser traiçoeira.

RESUMO

Este estudo se configura como uma análise enunciativa dos discursos oficiais de Jair Messias Bolsonaro, enquanto Chefe do Poder Executivo, em relação à pandemia da Covid-19 no Brasil disponibilizados no canal oficial do Planalto no Youtube. Para isso, parte-se do pressuposto de que as categorias da linguagem (pessoa, tempo e espaço), manifestadas nas diferentes línguas mediante os índices específicos e procedimentos acessórios (BENVENISTE, 2005; 2006), integram as principais ferramentas capazes de transformar a língua em discurso, bem como o falante em sujeito a partir do ato enunciativo. Com um caráter qualitativo, esse texto não tem a pretensão de esgotar as possibilidades de leitura e de interpretação do acervo em questão, mas sim demonstrar a aplicabilidade teórico-metodológica da Teoria Enunciativa Benvenistiana em relação aos processos enunciativos, mostrando que determinados usos linguísticos de pessoa, tempo e espaço podem produzir efeitos de sentidos específicos. Logo, o que se espera com essa pesquisa é demonstrar um caminho possível para a aplicabilidade da Teoria Enunciativa.

Palavras-chaves: Teoria Enunciativa; Benveniste; Categorias da linguagem; Enunciação.

ABSTRACT

This study is configured as an enunciative analysis of Chief Executive Jair Messias Bolsonaro's official speeches regarding to Covid-19 pandemics in Brazil. In order to do that, it is assumed that language categories (person, time and space), manifested in different languages through specific indexes and auxiliary procedures, integrate the main tools capable of transforming language into discourse as well the speaker into subject from the enunciative act. With a qualitative point of view, this thesis does not intend to exhaust the possibilities of reading and interpretating the speeches in question, but rather to demonstrate the theoretical-methodological applicability of the Benveniste Enunciative Theory in relation to the enunciative processes. Therefore, what is expected from this essay is to present a possible path for the Enunciative Theory's applicability.

Keywords: Enunciative Theory; Benveniste; Language categories; Enunciation.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1. A LINGUÍSTICA ENUNCIATIVA BENVENISTIANA | 9 |
| 1.1. Um breve retrospecto histórico dos estudos enunciativos da linguagem na perspectiva de Émile Benveniste. | 10 |
| 1.2. Teoria da Enunciação | 13 |
| 1.3. Línguas, Linguagem e Falante | 16 |
| 2. DA PESSOA | 19 |
| 2.1. A subjetividade na linguagem | 19 |
| 2.2. Dos pronomes | 20 |
| 3. DO TEMPO | 24 |
| 4. DO ESPAÇO | 27 |
| 5. METODOLOGIA | 29 |
| 5.1. O contexto e a seleção dos dados | 29 |
| 6. DAS ANÁLISES | 32 |
| 6.1. Análise da categoria de pessoa | 32 |
| 6.2. Análise da categoria de tempo e espaço | 37 |
| CONCLUSÃO | 42 |
| REFERÊNCIAS | 43 |
| ANEXOS I | 46 |
| ANEXO II | 48 |
| ANEXO III | 51 |
| ANEXO IV | 53 |
| ANEXO V | 55 |

“Única é a condição do homem na linguagem.”

(Émile Benveniste)

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar enunciativamente os discursos oficiais do Presidente Jair Messias Bolsonaro em relação à pandemia de Covid-19, que teve início no Brasil a partir de março de 2020. A ideia deste estudo surgiu após a realização da disciplina eletiva de Estudos Enunciativos da Linguagem, ministrada pelas professoras Silvana Silva e Alessandra Vieira, tendo a última aceitado o convite de orientar este trabalho. Partindo do princípio que a linguagem e suas categorias se manifestam através das línguas por meio dos índices específicos, conforme salienta Benveniste (1979), revelando a subjetividade do enunciador, o que se pretende com essa pesquisa é investigar o processo de criação de sentidos na língua, através de sua transformação em discurso.

Entretanto, cabe ressaltar que tal investigação não possui motivações políticas ou ideológicas, pois a escolha do *corpus* e da temática está ligada à sua importância para o contexto atual, em outras palavras, o construto teórico e a metodologia aplicada são mais importantes do que o objeto de análise em si. Por isso, não se pretende de nenhum modo operar sob um viés valorativo, aprovando ou desaprovando o posicionamento do Presidente, mas, sim, analisar os recursos linguísticos e seus efeitos de sentido no discurso, partindo da Linguística Enunciativa benvenistiana, mas explorando outras ferramentas de análises quando se demonstrar necessário.

Logo, essa tese tem como objetivo principal promover uma análise enunciativa dos discursos do Presidente da República do Brasil acerca da pandemia de Covid-19, a fim de demonstrar a aplicabilidade da Teoria Enunciativa de Benveniste, bem como definir epistemicamente pontos essenciais para o estudo e o ensino e aprendizagem das línguas. Além disso, o construto teórico aqui desenvolvido, assim como as análises, colocam-se à disposição não somente de futuras pesquisas na área, como também do fazer pedagógico, ampliando as ferramentas e as estratégias no estudo do texto.

Feito esses esclarecimentos, cabe tecer alguns comentários acerca da organização dessa pesquisa, a qual tem como coluna vertebral a teoria benvenistiana e suas categorias de pessoas, tempo e espaço. Sendo assim, o primeiro capítulo é dedicado à reconstrução do trajeto histórico metodológico que culminou em uma linguística enunciativa de Benveniste, já que entender esse processo irá localizar o leitor e o construto teórico que baliza esse fazer investigativo.

Reconstruído tal caminho, e ainda sob o mesmo guarda-chuva do capítulo um, é desenvolvido epistemicamente o que se entende enquanto Linguística da Enunciação, bem como as perspectivas epistemológicas de Linguagem, Língua e Falante que serão assimiladas por essa pesquisa. Nesse ponto, além dos célebres textos *Problemas de Linguística Geral I e II*

(2005, 1989), foi essencial o embasamento teórico de Normand (2006), Flores (2007, 2013), Marcuschi (2008) e Silva (2018).

Nos capítulos que se seguem, foi desenvolvido— com o auxílio das bibliografias já citadas e outras como Flores (2010) e Fiorin (2016) — as epistemes necessárias para uma concepção mais nítida do que sejam as três categorias da linguagem e suas materializações nas línguas e como através dessas o falante constrói sua subjetividade enquanto sujeito do discurso. Sem o entendimento de como a instância discursiva opera e da importância que tais categorias possuem no processo relacional do homem/linguagem, falante/língua, sujeito/discurso, qualquer diagnóstico aqui realizado irá perder grande parte de sua força.

Já na seção cinco desta monografia, é exposta a fundamentação metodológica que conecta os pontos explicitados até o momento; o objetivo desta subdivisão é demonstrar de que forma será trabalhado o acervo de discursos selecionado, como se deu tal recorte e a escolha da temática. Ressalta-se a importância desse capítulo, sem o qual a sequência do estudo talvez não transparecesse a organização necessária ao entendimento e compreensão do leitor.

Por fim, são realizadas as análises qualitativas das categorias de pessoa, tempo e espaço nos discursos oficiais de Jair Messias Bolsonaro em relação à pandemia da Covid-19. Como mencionado anteriormente as respectivas análises não possuem a ambição de esgotar os significados e efeitos de sentido presentes que compõem esses textos, mas sim de ser apresentar como um caminho científico metodológico possível para a realização de estudos enunciativos da linguagem.

Além de uma base bibliográfica extremamente relevante para o aquilo que o estudo ambiciona, o arcabouço teórico e metodológico, se bem compreendido, pode facilmente ser aplicado a qualquer outro gênero discursivo que possa ser de interesse daquele que interagir com esta monografia. Dessa forma, a maior contribuição que esse texto carrega não é os desdobramentos das análises propostas, mas o processo, a sua sistematização.

Logo, o que se espera é desenvolver uma possibilidade de aplicação para teoria enunciativas de Émile Benveniste, apresentando-se como um modelo possível de análise que é capaz de amparar o fazer pedagógico, não se limitando ao âmbito acadêmico.

1. A LINGUÍSTICA ENUNCIATIVA BENVENISTIANA

Trabalhar com análise enunciativa é uma tarefa desafiadora, uma vez que, apesar dos inúmeros estudos presentes na área, não existe uma sistematização e, em certos casos, nem mesmo um consenso acerca de determinados conceitos e categorias. Ademais, muitos autores, conforme Fuchs (1985), que possuem publicações na área da enunciação não se ocuparam estritamente do campo enunciativo; por outro lado, há autores— como Benveniste— que apesar de ter uma extensa produção voltada aos estudos enunciativos, seus trabalhos não têm como foco um modelo teórico-metodológico definidos com exatidão.

À vista disso, é fundamental que uma proposta de análise venha acompanhada de uma definição epistemológica do que se toma como a Teoria da Enunciação para Benveniste e seus principais conceitos, a fim de que o leitor possa tirar melhor proveito da leitura e a análise seja a mais coerente possível. Por isso, antes de fazer um sucinto retrospecto histórico dos estudos linguísticos até o que atualmente se nomeia como Linguística Enunciativa Benvenistiana, far-se-á uma breve apresentação das duas principais obras de Benveniste, as quais formulam tal corrente teórica.

O que se pode chamar de Linguística Enunciativa Benvenistiana surge quase que integralmente da publicação de duas obras as quais contam com aproximadamente vinte artigos, sendo publicadas com oito anos de diferença entre si: *Problemas de Linguística Geral I (1966)* e *Problemas de Linguística Geral II (1974)* (PLG) (ONO, 2007). De acordo com Flores (2021), nessas obras o autor se esforça para teorizar e refletir metodologicamente a análise das línguas e da linguagem, apesar de não ter dedicado nenhum livro à linguística geral.

Entretanto, como já exposto anteriormente, o fato é que Benveniste não estipulou rigidamente um construto teórico-metodológico do que seja uma Teoria Enunciativa, fazendo com que essa se formasse: “[a teoria benvenistiana] se forma, assim, progressivamente, de maneira não metódica” (ONO, 2007, p.20). Logo, apesar de ser lícita a criação de conexões entre as partes que compõem o PLG I e II, especialmente no desenvolvimento dos conceitos teóricos utilizados em nosso texto, certos aspectos negativos residem em tal liberdade. Flores (2021, p. 31) desenvolve que:

[...] dada a ausência de uma instância ratificadora da interpretação feita, a obra de Benveniste tem sido alvo de leitura que, muitas vezes, estão em diametral oposição aos princípios teóricos do autor. Cristalizam-se leituras, lê-se de segunda mão e comete-se equívocos de toda ordem.

Para tentar não cometer equívocos teóricos e metodológicos ou até mesmo ser difuso em relação aos conceitos trabalhados no *PLG I e II*, nos próximos parágrafos e subcapítulos será exposta uma breve composição histórica dos eventos que antecederam a Teoria Enunciativa de Benveniste e como tais acontecimentos influenciaram o surgimento e a recepção dessa corrente teórica. Feito isso, baseado principalmente em Benveniste (1976), será proposta uma conceituação do que seja a Teoria da Enunciação para esse trabalho. E por fim, mas não menos importante, serão definidos alguns conceitos-chave para essa pesquisa em relação a Teoria da Enunciação.

1.1. Um breve retrospecto histórico dos estudos enunciativos da linguagem na perspectiva de Émile Benveniste.

Com base no que foi exposto até então, faz-se necessário estabelecer, mesmo que de forma breve, o percurso trilhado até uma Teoria da Enunciação Benvenistiana. Reconstruir esse caminho certamente será um ponto de ancoragem para esta pesquisa, como também irá estabelecer contornos mais palpáveis para um modelo de análise que nem mesmo Benveniste definiu como algo coeso e acabado. Conforme se pode observar em Flores (2010, p. 396):

Os textos de Benveniste não podem ser lidos como se fossem contemporâneos um do outro. Isso decorre do fato de o autor não ter proposto uma teoria enunciativa, tal como, hoje em dia, atribuímos a ele. Se lermos com atenção os Problemas de linguística geral, em momento algum encontramos o sintagma teoria da enunciação, nem mesmo um objetivo explícito de formular tal teoria.

Logo, é possível perceber que a Teoria da Enunciação Benvenistiana surge de um conjunto de termos, conceitos e noções independentes que são relacionados entre si em uma ordem lógica por livros publicados *a posteriori* por leitores e estudiosos. Por isso, mais do que entender o que o autor e as inúmeras leituras propõem em relação à Enunciação, torna-se relevante reconstruir a cadeia de acontecimentos que culminaram nos estudos enunciativos da linguagem.

Para isso, conforme aponta Teixeira e Flores (2011), refletindo de forma ampla a origem da Linguística Enunciativa, as preocupações que viriam a se tornar tópicos para o para esse respectivo campo de estudo da linguagem têm suas primeiras aparições na Retórica Clássica, na Gramática Tradicional e na Lógica. Logo, tais áreas, de alguma forma, já esboçavam um interesse investigativo por questões envolvendo instâncias enunciativas, categoria de pessoa, figuras de linguagem e tantos outros assuntos os quais transbordavam os aspectos meramente normativos, descritivos e expositivos de seus respectivos escopos teóricos.

Fuchs (1985) é mais específica ainda ao indicar que a Linguística da Enunciação é herdeira, em ordem de importância, da Retórica, da Gramática e da Lógica, uma vez que a retórica é baseada naquilo que hoje é chamado de enunciação; que a Gramática se propõe enquanto um compêndio de regras da língua e que a Lógica refletia entre outros fatores sobre assuntos como modalização, valor de verdade, transparência da linguagem.

Contudo, com uma Retórica e uma Lógica ancoradas na noção de linguagem como forma de expressão do pensamento, focadas em aspectos filosóficos da linguagem e com uma tradição gramatical preocupada em amparar questões religiosas e políticas através da promoção de um purismo da língua, as inquietações levantadas por essas disciplinas não ganharam forma nem se tornaram uma teoria propriamente dita. O que nos leva à seguinte questão: onde começa de fato os Estudos Enunciativos da Linguagem e quem são seus fundadores?

A resposta para isso pode ser um tanto complexa, uma vez que, apenas no final do século XX, com Saussure, em seu Curso de Linguística Geral (CLG) (1975)¹, abre-se uma margem para um estudo da Enunciação através da dicotomização entre *langue* e *parole*. Sendo a primeira um fato social, autônomo, sistemático e que deve ser tomado como objeto de estudo da Linguística na qualidade de ciência puramente autônoma; enquanto a outra deveria ser encarada como uma realização individual, portanto irregular e não sistemática; não devendo assim ser de interesse dos estudos linguísticos apenas. Portanto, segundo Saussure (1975, p.92) “a língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”.

Alguns comentários importantes precisam ser realizados, contextualizando a decisão de Saussure ao definir a língua enquanto objeto de análise da linguística (FLORES, 2013). Primeiramente, antes do CLG, os estudos das línguas, de forma geral, ou eram realizados em outras áreas de conhecimento como na filosofia, ou eram realizados por gramáticos e filólogos, com o intuito de descrever e/ou analisar a evolução das línguas na história. Saussure, por outro lado, claramente tinha a ambição de estabelecer uma ciência da linguagem capaz de estudá-la de forma sincrônica e autônoma.

Contudo, para que isso ocorresse, o conceito de língua precisaria ser ressignificado, pois *a priori* era abrangente demais para ser objeto de estudo de apenas uma ciência. Desse modo, Saussure (1974) irá definir a língua como um sistema de signos que funciona segundo leis internas e próprias, tornando possível estudá-la de forma hermética.

¹ O Curso de Linguística Geral não foi escrito Ferdinand de Saussure, pois se trata de uma obra póstuma, organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger.

Mas, apesar de tal definição, o CLG não eliminava de forma alguma a possibilidade de uma "linguística da fala" a qual se encarregaria das individualidades do uso da língua pelos falantes, ainda que advertisse que tais análises só seriam possíveis por meio de diferentes áreas do conhecimento atuando dialogicamente. Logo, para executar seu projeto estruturalista que visava promover a cientifização dos Estudos da Linguagem.

Para Saussure, a língua estava atrelada à noção de forma e sentido dos signos e Benveniste parte desta noção, mas faz um desdobramento a partir desses estudos ao determinar que para que um signo exista essa precisa ser aceito por uma dada comunidade de falantes e se relacionar com os demais signos. No texto *A forma e o sentido na linguagem* (1966/1967, p 227), está posto que “o que não é usado, não é signo; e fora do uso, o signo não existe”.

Nesse viés, apesar de partir das ideias de Saussure, Benveniste está preocupado em adequá-las ao seu objeto de estudo: a língua em uso. Desse modo, Benveniste (2006) irá postular três consequências em relação ao que foi exposto no parágrafo anterior: 1) o estudo do signo (semiótica) não se ocupa da relação do signo com aquilo que ele denota, 2) o signo tem sempre um valor genérico e conceitual e 3) as oposições semióticas são do tipo binário.

Engana-se, no entanto, quem acredita que Benveniste irá excluir de seus estudos o campo do semiótico ou diminuí-lo por se tratar de um recorte teórico diferente daquilo que ele propõe; o caminho que Benveniste toma é apontar que existem duas formas de tratar a língua: a língua como o semiótico e a língua como o semântico. É claramente da segunda que a Teoria da enunciação irá se ocupar, uma vez que:

A noção de semântica introduz o domínio da língua em emprego e em ação, assim observa-se na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; e em resumo, organizando toda a vida dos homens. É a língua como instrumento da descrição e do raciocínio. (BENVENISTE, 1989, p. 229)

Como se pode observar, tem-se em Saussure a primeira abertura para se pensar um campo da enunciação. Portanto, é inegável a importância das formulações saussurianas nos trabalhos de Benveniste, o qual não rompe com o que está posto no *Curso de Linguística Geral*, retomando-o sempre que possível, mas indo além daquilo que Saussure estabelece como estudo da língua.

Contudo, há outros teóricos, além de Saussure, que tiveram um papel importante para que Benveniste desenvolvesse um protagonismo na elaboração de uma teoria enunciativa, como Michel Bréal (1832-1915), em seu *Ensaio de Semântica* (1897) , Charles Bally (1865- 1987), na coletânea *A linguagem e a vida* (1913), entre outros que exigiriam uma pesquisa mais

elaborada, o que não é ambição deste trabalho. Ainda assim, Flores (2013, p. 48) aponta que Saussure é o único linguista a quem Benveniste explicitamente revela tributo em sua teoria, ainda que cite outros. “Saussure é o autor mais vezes textualmente referido na obra de Benveniste.”.

Conseqüentemente, algumas questões se fazem relevantes: Seria a Teoria Enunciativa Benvenistiana uma ampliação das ideias de Saussure ou há em seu trabalho algo inovador e singular? Será que a Teoria da Enunciação não é apenas uma questão de interdisciplinaridade? Tais problemáticas são abordadas e debatidas por Normand (2004), a qual lista uma série de discursos elaborados na hora de lidar com questões iguais ou similares a essas. Entretanto, ao invés de propor uma posição fixa em relação a esses questionamentos, a autora propõe que:

Benveniste encontrou Saussure naquilo que ele pôde conhecer de seus escritos. [...] Mais do que referências, tratam-se de presenças: todos os dois se impuseram e continuam se impondo ainda hoje a quem se interessa por linguagem; cada um fez pressentir, mais do que revelar, que alguma coisa essencial estava em jogo naquilo que ainda não se entrou acordou em nomear: língua, discurso, comunicação [...] Eles nos acordaram de um sonho dogmático, colocando questões que, apesar de suas tentativas e de todos aqueles que os seguiram, ainda não estão fechadas. (NORMAND, 2006, p.15)

Dialogando com as ideias da autora, Flores (2013, p.50) aponta que “Benveniste toma Saussure como ponto de partida, mas não se encerra nele.”, ou seja, ao propor um estudo da Fala, Benveniste desenvolve um modo único e singular de se fazer linguística, à medida que não só incorpora outras áreas do conhecimento em suas análises, como também se destina a um objeto de estudo novo, *a enunciação*, o qual apesar de ser previsto pela teoria saussuriana, não se viu nela desenvolvido.

Ao situar os estudos enunciativos em uma linha histórica, mesmo que de forma tão resumida, a compreensão das próximas etapas do trabalho certamente será potencializada, resultando em um melhor aproveitamento da leitura. Ademais, por ser uma teoria que dialoga de uma forma complexa com sua antecessora, o estruturalismo saussuriano, bem como (re)estabelece uma interdisciplinaridade no estudo da linguagem, é fundamental que essa dinâmica seja explicada e refletida, a fim de que as considerações levantadas no decorrer do estudo não fiquem soltas.

1.2. Teoria da Enunciação

Mesmo com tudo que foi alegado até então, pode até parecer prolixo ou pretensioso propor uma definição do que seja uma teoria enunciativa nos dias atuais, entretanto, alguns

pontos podem demonstrar essa necessidade. Primeiramente, há grande legitimidade em afirmar que, mesmo que Benveniste não tenha explicitado um modelo de análise, seu conjunto de publicações ratificam o estabelecimento explícito de uma Teoria Enunciativa Benvenistiana.

Dessa forma, o que se tem de formulação teórica em relação aos Estudos Enunciativos de Benveniste foi proposto por diversos autores em diferentes épocas e sem o compromisso de encerrar as discussões levantadas em *Problemas de Linguística Geral I e II*. Além disso, a noção de Enunciação está presente em diferentes teorias, as quais em muitos casos não pertencem sequer ao campo da Enunciação. Tudo isso acaba esvaziando o significado do termo Enunciação, deixando-o genérico e difuso quando não definido previamente.

Por fim, o conceito de enunciação irá se desdobrar em outras abstrações tão relevantes quanto, mas que geralmente são tomadas como evidentes: língua, linguagem, enunciado dentre outras. Todavia, à medida que são refletidas e problematizadas podem revelar nuances de significado cruciais às análises que serão desenvolvidas. O que se pretende com este subcapítulo é situar o leitor acerca da interpretação que esta dissertação carrega no que tange aos pontos centrais da Teoria Enunciativa Benvenistiana.

Para isso, cabe num primeiro momento entender como se estrutura tal teoria, conforme Flores (2010) ressalta, os textos de Benveniste devem ser lidos de forma estratégica, uma vez que o autor possui uma obra extensa a qual de modo algum propõe uma Teoria da Enunciação articulada tal qual se concebe na atualidade. Portanto, deve-se necessariamente delimitar, de forma organizada e lógica, que leitura está sendo realizada da obra Benvenistiana, bem como que conexões estão sendo feitas entre as partes dos PLG I e II. Sendo assim, é justificável que se dividam as leituras de Benveniste em três grandes eixos, conforme Flores (2013, p. 25).

1) O momento da distinção pessoa/ não pessoa. Os textos em que se encontra essa distinção são: Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946), A natureza dos pronomes (1956), Da subjetividade na linguagem (1958), As relações de tempo no verbo em Francês (1959), A linguagem e a experiência humana (1965) e Estrutura da língua estrutura da sociedade (1968) [...] 2) O momento da distinção semiótico/semântico. [...] 3) O momento de formulação da ideia de aparelho formal da enunciação.

Dessa forma, tentando seguir uma ordem coerente para essa pesquisa, a jornada pela obra de Benveniste irá começar pelo texto que marcou o final de sua carreira e o fechamento, de certa forma, da sua teoria: *O aparelho formal da enunciação*. Nesse texto o autor define os principais conceitos da Teoria Enunciativa, bem como instaura as categorias da enunciação que serão utilizadas no desenvolvimento deste trabalho.

Com base nisso, parte-se da definição de que “enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1976, p. 82), ou seja, com base nessa afirmação, a Teoria Enunciativa de Benveniste pode ser entendida como um conjunto teórico-metodológico elaborado para analisar o ato de dizer, o que pressupõe uma transformação da língua em discurso, à medida que o falante agencia formas e sentidos da língua para se expressar e se inserir no universo da linguagem.

Nesse sentido, algumas explanações se fazem pertinentes, uma vez que o objeto de estudo passa a ser o processo de semantização da língua apontada pelo próprio autor como aspecto central da enunciação. Essa “semantização” é entendida como o processo de transformação da língua em discurso, o que desloca sua teoria e análise para um outro ponto: o semântico.

Aqui, é inexorável esclarecer alguns termos, a fim de que não se gere ambiguidades. A enunciação é o ato de dizer e esse, por sua vez, ocorre através de um processo em que o falante se apropria de *um aparelho formal da língua* para somatizá-la. Por conseguinte, a enunciação é um evento “individual” e um “processo” ao mesmo tempo.

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro. (BENVENISTE, 1976, p. 84)

Note que o processo de apropriação necessário para que haja a transformação da língua em discurso pelo locutor ocorrerá no *aparelho formal da língua* e não no aparelho formal da enunciação. Apesar de parecer estranho em um primeiro momento, Flores (2013, p.95) explicará tal relação de forma impecável ao desenvolver o seguinte raciocínio:

o locutor se apropria da língua, *do aparelho formal da língua*, para construir com ela o aparelho formal da enunciação. Para tanto, utiliza índices específicos e procedimentos acessórios. Logo, o aparelho formal da enunciação não é algo que esteja pronto aprioristicamente e caberia ao locutor acessar, tomar posse, mas é algo construído a cada enunciação a partir dos recursos da língua em uma dada situação.

Logo, fica claro que é por meio dos recursos da língua que o locutor é capaz de acessar o aparelho formal da enunciação e se constituir enquanto sujeito. Desse modo, fica implícito que *o aparelho formal da enunciação* é composto de categorias universais capazes de serem acessadas e manifestadas através dos *índices específicos e procedimentos acessórios* das línguas.

Em relação a esses mecanismos das línguas, Benveniste desenvolve alguns exemplos que podem ser divididos em três categorias: pessoa (eu em relação a um tu), tempo (formas

temporais) e espaço (indicadores que situam o *aqui* da enunciação). Desse modo, podemos definir que os elementos linguísticos presentes no aparelho formal de uma língua são capazes de situar o locutor enquanto pessoa do discurso localizado em um dado momento e espaço enunciativo de *índices específicos*.

Por outro lado, os *procedimentos acessórios* são, de acordo com Flores (2013, p. 117), “todos os mecanismos linguísticos que, embora não específicos, servem para o locutor enunciar sua posição de locutor.”. Tal condição coloca a enunciação em um patamar universal e específico ao mesmo tempo. Universal, pois, comporta um aparelho formal da enunciação presente em toda e qualquer língua; específico pois cada língua terá seu modo particular de configurar as categorias de pessoa, tempo e espaço.

Portanto, com base no que foi exposto até o momento, a Teoria da Enunciação Benvenistiana pode ser definida como um dos construtos teórico-metodológicos formais capazes de analisar as produções de sentido na língua. Esta, por sua vez, pode ser entendida como um quadro enunciativo composto por um locutor que toma a palavra instaurando “eu” que instaura uma alocução, um “*tu*”, em uma dada situação passível de ser situada linguisticamente no tempo e no espaço.

1.3. Línguas, Linguagem e Falante

Quando se apresenta uma análise enunciativa, é de extrema importância que se entenda a relação entre língua e linguagem, bem como o papel do homem nessa dinâmica. Não elucidar tais pontos é tomar como evidentes tais conexões, correndo, assim, um sério risco de se perder a textura do trabalho. Entretanto, o que será posto aqui é apenas um recorte teórico a fim de oferecer embasamento para as análises que serão desenvolvidas, apenas uma entre outras leituras possíveis, sem pretensão alguma de encerrar qualquer debate.

Para começar a responder as questões deste capítulo, toma-se a definição clássica de Benveniste, presente no artigo *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística* ([1963]1976), no qual o autor afirma que “a Linguística possui um duplo objeto: a ciência da linguagem e a ciência das línguas, sendo a primeira faculdade humana, universal e imutável do homem; e a segunda particular e variável, no ato de sua realização. (BENVENISTE, 1976, p. 20). Logo, em um primeiro momento, é possível entender que o autor coloca tanto as línguas, no plural, quanto a linguagem como objeto de estudo da linguística.

Entretanto no mesmo texto, no próximo período especificamente, Benveniste (1976, p.20) irá registrar que “é das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é em primeiro lugar

a teoria das línguas.”. Nesse ponto, parece haver uma grande contradição, uma vez Benveniste aponta que num primeiro momento o Linguista possui um duplo objeto: a linguagem e as línguas, já num segundo momento passa a alegar que é das línguas que o linguista deve se ocupar.

A fim de tentar entender o que se coloca diante de nós, é preciso explorar a noção de linguagem tomada por Benveniste, e partir de tal conceituação produzir certas inferências. Inicialmente, tem-se os atributos da categoria da linguagem suscitados nos PLGs: faculdade humana, universal e imutável do homem, sistema simbólico. Em relação a essa última propriedade, Benveniste (1976, p. 30, grifos do autor) vai desenvolver a seguinte ideia:

A linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos. De um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para reproduzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida[...]. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua evocação. **Assim é a linguagem uma entidade de dupla face.**

A partir dessa definição, fica notório que Benveniste vê nas línguas o aspecto material da linguagem, ou seja, é através das línguas que se pode acessar a linguagem. Por isso, o autor delimita que a linguística é uma ciência que teoriza as línguas, uma vez que somente através delas se torna possível alcançar a linguagem cuja a natureza é imaterial. Contudo, para além dessa dinâmica, o autor irá defender a ideia de que a linguagem representa uma faculdade inerente ao ser humano: a faculdade de simbolizar.

Corroborando tal concepção, no célebre texto *Da subjetividade na linguagem*, Benveniste irá defender tese de que a linguagem está na natureza do homem, uma vez que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de “ego” (BENVENISTE, 1976, p. 286). Desse modo, há uma relação indissociável e de aspecto antropológico entre a linguagem e o homem, relação essa passível de ser detectada e materializada através das línguas (SILVA, 2018).

Contudo, o falante, dotado da capacidade de transformar a língua em discurso através do processo de enunciação, acaba transportando a língua do campo semiótico para o campo semântico, já que se por um lado a língua é um sistema simbólico de signos necessários para que haja a manifestação da linguagem e se estabeleça uma relação entre o homem e o homem e o homem e o mundo. Por outro lado, ao ser enunciada, a língua se transforma em discurso revelando seu aspecto semântico.

Note que é pelo processo da enunciação que o homem se fundamenta na linguagem enquanto sujeito, o que só é possível quando o locutor se apropria da língua, transformando-a em discurso. Compreender essa dinâmica é apreender o principal objeto de estudo deste trabalho: a enunciação. Pelo viés enunciativo, o ato de enunciar é o objeto de estudo, uma vez que é nele que o locutor se torna capaz de mobilizar “a língua de determinada maneira e constituir os caracteres linguísticos que marcam a relação desse locutor com a sua enunciação.” (SILVA, 2018, p.426).

Portanto, a presente pesquisa busca, através do aparato teórico-metodológico enunciativo explicitado até o momento, investigar como o uso das categorias de pessoa, tempo e espaço materializadas através do aparelho formal da língua contribuem na construções de sentido no discurso. Para tanto, achou-se necessário guiar o leitor primeiramente por um breve retrospecto histórico dos estudos enunciativos, situá-lo no que tange a teoria da enunciação e elucidar a noção de linguagem, língua, falante e sujeito.

2. DA PESSOA

2.1. A subjetividade na linguagem

De acordo com Benveniste (1976), a linguagem está presente na natureza do homem, sendo impossível atingi-lo separado de tal faculdade, uma vez que a linguagem ensina a própria definição de homem. Sintetizando tais ideias, Benveniste (1976, p. 286) afirma que “o homem se constitui sujeito na linguagem e pela linguagem”. Logo, é possível concluir que há um aspecto antropológico na noção de linguística abordada pelo viés enunciativo - viés defendido pelo linguista brasileiro Valdir Flores (2019).

Nessa perspectiva, Benveniste (1976, p. 286) irá definir a subjetividade como “a capacidade do locutor para se propor como "sujeito"”, estando tal competência ancorada no “status linguístico de pessoa.”. Em outras palavras, quando o falante se apropria da língua, instaurando um *eu* o qual se dirige a um *tu*, esse assume o papel de *sujeito* de linguagem e externaliza sua subjetividade (FIORIN, 2019).

Com base nos excertos apresentados, percebe-se que há uma diferenciação entre *homem*, *locutor/falante*, *sujeito* e *pessoa*. Sendo o primeiro dessa lista um indivíduo biológico dotado da faculdade antropológica da linguagem, ou seja, a origem de todo esse processo de subjetivação. Enquanto o segundo é, conforme Benveniste (1976), aquele que se apropria da língua, gerando assim o *sujeito* através da categorização de *pessoa*.

Logo, a *pessoa* nada mais é do que uma categoria linguística que fundamenta a subjetividade do *sujeito* (FLORES,2013). Tal categoria vai muito além do que a marca a pronominalização ou a associação dessa a um determinado espaço e tempo linguístico demarcado, uma vez que a cada escolha lexical o locutor se constrói enquanto sujeito e revela nuances de sua subjetividade.

Dessa forma vale ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é esgotar as análises dos elementos de subjetividade presentes nas alocações oficiais de Jair Messias Bolsonaro em relação à pandemia, fazer isso seria uma tarefa pretensiosa demais e ocuparia mais espaço do que se tem para o desenvolvimento desta monografia. O que se intenciona aqui é promover uma análise dos recursos linguísticos utilizados por Jair Messias Bolsonaro, que ocupa atualmente o cargo de chefe do poder executivo, no que tange às categorias de pessoa, espaço e tempo, buscando verificar os efeitos de sentidos mobilizados.

2.2. Dos pronomes

Em seu célebre texto *Estrutura das relações de pessoa no verbo*, Benveniste (1976, p.247) inicia afirmando que “verbo é, com o pronome, a única espécie de palavra submetida à categoria da pessoa.”. Além disso, o autor segue afirmando que se fosse para estudar de fato os pronomes nas línguas, esse objeto de estudo mereceria um tópico “independente” devido ao tamanho da sua complexidade e possibilidades de uso dentro da linguagem.

No entanto, o que se pretende aqui, assim como em *Problemas de Linguística Geral*, é analisar “oportunamente os pronomes” só considerando a pessoa verbal. Cabe ainda ressaltar que o autor trata os pronomes como um problema de linguagem, uma vez que tal categoria existe em qualquer língua; sendo, portanto, algo universal:

Ora, todas as línguas possuem pronomes e, em todas, eles se definem como referindo-se às mesmas categorias de expressão (pronomes pessoais, demonstrativos, etc.) A universalidade dessas formas e dessas noções faz pensar que o problema dos pronomes é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas, ou melhor, que só é um problema de línguas por ser, em primeiro lugar, um problema de linguagem. (BENVENISTE, 1976, p. 277)

Logo, toda e qualquer língua possui a noção de pessoa que irá se manifestar, de forma demarcada, através das estruturas verbais e dos pronomes de diferentes modos, o que se desdobrará no objeto de análise deste trabalho. Mas, antes de mais nada, é preciso explicitar como o autor percebe e estrutura epistemologicamente o estudo dos pronomes.

Para Benveniste, segundo Flores (2013), não há uma relação de equivalência entre as três pessoas do discurso, uma vez que o “*ele*” não demonstra incorporar uma noção de pessoa nem estabelece uma relação de oposição com o “*eu*” e o “*tu*”. Parar defender tal ideia, Benveniste (1970, p. 250) irá recorrer a gramática árabe na qual “a primeira pessoa é *al-mutakallimu*, “aquele que fala”; a segunda, *al-mubütabu*, “aquele a quem nos dirigimos”; mas a terceira é *al-yä'ibu*, “aquele que está ausente”.”.

Baseado na respectiva exemplificação, duas abstrações podem ser realizadas: a primeira é de que não há uma relação de oposição nem interação entre a terceira pessoa com as demais, como ocorre entre a primeira e a segunda; além disso, é possível perceber que a terceira pessoa carrega características as quais a afastam das demais pessoas do discurso, uma vez que essa é sempre utilizada para referenciar algo ou alguém fora da enunciação, ou seja, demarcando assim uma *não pessoa*. Logo, o “*ele*” pode fazer menção “a uma infinidade de sujeitos ou a nenhum”, outro exemplo disso está no “francês em que a expressão impessoal se constrói com um pronome de terceira pessoa.” (FIORIN, 2016, p.51).

Outros tantos arquétipos iguais ou similares a esses são citados em Benveniste (1976), comprovando que a primeira e a segunda pessoa não estão no mesmo universo de relação que a terceira (a não pessoa). Entretanto, engana-se quem acredita que o “*eu*” e o “*tu*” possam representar alguma materialidade além do âmbito discursivo, pois somente no discurso, através da enunciação, é que essas formas existem e ganham significado.

Em outras palavras, as formas pronominais de primeira e segunda pessoa só existem enquanto categorias enunciativas, o que as fazem únicas nas línguas, pois “não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo”. Logo, “não há "objeto" definível como *eu* ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Em cada *eu* “tenho a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal.” (BENVENISTE, 1976, p.278).

Baseado nisso, torna-se inconcebível pensar que o “eu” possa representar algum conceito individual prévio, ou denominar alguma entidade lexical específica. O “eu” jamais poderá ser atrelado apenas a um indivíduo particular, pois isso geraria um caos nas línguas. Enfim, o “eu” “designa o locutor que se enuncia como “sujeito” em um momento específico e jamais replicável, fundamentando a *subjetividade* na linguagem através das formas existentes nas línguas.

Outro aspecto em relação a categoria dos pronomes, levantado por Fiorin (2016) e Benveniste (1970), está relacionado a pseudopluralização que a gramática atribui a primeira e a segunda pessoa do discurso, posto que sequer a forma plural (*nós e vós*) estabelece qualquer simetria com seus respectivos singulares. Além disso, na utilização do *nós* e do *vós* “a pessoa verbal exprime uma pessoa amplificada e difusa. Deste modo, “O “*nós*” anexa ao “*eu*” uma globalidade indistinta de outras pessoas. Na passagem do “*tu*” ao “*vós*”, quer se trate do “*vós*” coletivo ou do “*vós*” de polidez, reconhecesse uma generalização de “*tu*.”. (BENVENISTE 1976, p.258).

Dessa forma, é necessário perceber que o plural da categoria de pessoa transcende as concepções morfossintáticas das línguas, passando a entender que há “uma distinção entre *pessoa estrita* (“singular”) e *pessoa amplificada* (= “plural”).”. (BENVENISTE 1970, p.259). Por outro lado, a terceira pessoa, sendo uma *não pessoa*, vai admitir o plural normalmente e sem grandes problematizações, conforme demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1: Os significados das pessoas do discurso

| Pronomes | Definição | Processo |
|----------|--------------------------|---|
| Eu | Quem fala | O <i>eu</i> quem diz <i>eu</i> |
| Tu | Com quem se fala | Aquele a quem o <i>eu</i> diz <i>tu</i> , que por esse fato se torna o interlocutor |
| Ele | Não pessoa da enunciação | Aquele ou aquilo de quem o <i>eu</i> e o <i>tu</i> falam |
| Nós | Pessoa amplificada | Junção de um <i>eu</i> com um <i>não eu</i> ² |
| Vós | Pessoa amplificada | Junção do <i>tu</i> com <i>ele</i> ou <i>eles</i> |
| Eles | Não pessoa da enunciação | Plural de <i>ele</i> |

Fonte: (FIORIN, 2016, p. 52)

Fechando tais conceituações, é notável que linguagem só existe porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu*” no seu discurso, introduzindo um *tu* e nessa relação que reside a categorização de pessoas, bem como a de *intersubjetividade* (BENVENISTE, 1976). É nessa relação recíproca e reversível que reside a janela mais evidente que o falante possui para se construir como sujeito de linguagem.

Contudo, essa pesquisa reconhece que somente tais paradigmas não são o suficiente para desbravar o universo de sentidos que a utilização dos pronomes pode produzir no uso das línguas pelo falante, uma vez que as pessoas do discurso frequentemente são trocadas durante as enunciações a fim de se produzir os mais diversos efeitos semânticos. Afinal, segundo Fiorin (2016, p. 87), “pessoas ampliadas (*nós e vós*) podem indicar pessoas singulares (*eu e tu*) e vice e versa; a não pessoa (*ele ou eles*) podem assinalar pessoas (*eu e tu*) e vice e versa.”.

Colocando dessa forma, pode parecer que paradigma nenhum é capaz de dar conta do universo de possibilidades no que tange a pronominalização do discurso e suas interpretações, dado que se o “*eu*” pode ser substituído por todas outras pessoas do discurso, resultando em efeitos de sentido diversos. Desse modo, poderíamos inferir que talvez fosse mais fácil trabalhar com um estudo de casos do que estabelecer propriamente um modelo de análise. Todavia, Fiorin (2016) irá apontar que existe uma “oposição sêmica” que está na base de qualquer efeito de sentido advindo das marcas pronominais: *aproximação/subjetividade x distanciamento/objetividade*, sendo a utilização da primeira pessoa do singular o ápice de aproximação e subjetividade e a *não pessoa (ele)* aquilo que há de mais distante e objetivo. Sempre é válido ressaltar que esses mecanismos não estão atrelados a fatos ou realidades materiais, tais construções revelam apenas os efeitos de sentidos capazes de serem produzidos pelo falante intuitivamente ou não.

² “Há três nós, um nós inclusivo, que é dêitico, em que ao eu se acrescenta um tu (singular ou plural); um nós exclusivo, em que ao eu se juntam ele ou eles e um nós misto, em que ao eu se acrescentam tu (singular ou plural) e ele(s).” (FIORIN, 2016, p.110)

Por isso, por exemplo, que é possível afirmar que, quando o Presidente Jair Bolsonaro inicia um discurso oficial da seguinte forma: “desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China (...)” (BRASIL,2020), situando os actantes do discurso na primeira pessoa do plural (*nós*), a pessoa ampliada, não existe esse nós no mundo real, apenas enquanto discurso formulado de tal forma para gerar um efeito de sentido de inclusão. Desse modo outras impressões semânticas poderiam ter sido geradas, caso a enunciação ocorresse na primeira pessoa do singular ³(+*subjetividade*) ou na terceira do singular ou plural ⁴(+*objetividade*).

O ponto que deve ser frisado é o fato de que o falante, conscientemente ou não, tem a possibilidade de enunciar o mesmo fato ou ação nas diferentes pessoas do discurso; marcando, assim, sua subjetividade, constituindo-se como sujeito de linguagem e criando efeitos de sentidos. Contudo, conhecer a base epistemológica Benvenistiana é algo fundamental para qualquer linguista que queira se aventurar no campo das análises enunciativas da categoria de pessoa.

³ Exemplo: Desde quando ordenei o resgate de nossos irmãos em Wuhan, na China (...).

⁴ Exemplo: Desde quando o órgão x resgatou nossos irmãos em Wuhan, na China (...).

3. DO TEMPO

A noção de tempo, presente nas gramáticas tradicionais, obtida por meio do uso dos verbos, comporta apenas alguns aspectos distintivos, os quais pouco ou nada levam em conta as diferentes aplicações dessas formas pelo falante. Sendo assim, dualidades expositivas e descontextualizadas, como o fato de um verbo ser estativo ou não-estativo, durativo ou não durativo, pontual ou não-pontual, progressivo ou não-progressivo restringem, muitas vezes, a capacidade de análise do leitor.

Partindo deste cenário, no texto *O aparelho formal da enunciação* (1970), Benveniste irá determinar que a temporalidade faz parte do pensamento humano; sendo, com base nisso, construída na e pela linguagem, ocupando assim uma categoria dentro do aparelho formal da enunciação devido sua universalidade. Desdobrando tais reflexões, segundo Benveniste (1976), das formas reveladores de subjetividade nenhuma delas é tão rica quanto as expressões temporais, embora sejam essas também as mais difíceis de se explorar, seja pelo senso comum que as rodeiam, seja pelo “psicologismo”. Para isso, o autor irá propor uma forma diferente para se analisar tal categoria.

A primeira grande contribuição foi distinguir, no texto *A linguagem e a experiência humana* (1965), as diferentes noções de tempo no que concerne à vivência humana com a linguagem: o tempo físico (tempo dos fatos), tempo crônicos (tempo usado como marcos referenciais, por exemplo, calendário) e o tempo linguístico que rege e estrutura a noção de tempo ligada à fala (FLORES, 2013).

Portanto, “o tempo linguístico está ligado a instância da fala”, sendo assim “cada vez que o locutor emprega a forma gramatical do presente”, ele está situando os fatos citados em relação ao momento da enunciação (FLORES, 2013, p.108). Logo, o *presente* linguístico serve como parâmetro e marcador discursivo da enunciação, atuando como referência para os demais tempos verbais, tornando-se, assim, o único tempo “inerente à língua”, já que os todos os outros tempos verbais são apenas “visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente a partir do ponto presente.” (BENVENISTE, 1989, P.76). Para entender melhor a importância do tempo presente em relação a categorização do tempo linguístico:

O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo. Poder-se-ia mostrar pelas análises de sistemas temporais em diversas línguas a posição central do presente. (BENVENISTE, 1989, P.85)

Ampliando ainda mais tais conceitos, Fiorin (2016) irá levantar que o momento da enunciação instaura um “agora”, o qual deve ser tomado como fundamento para a oposição da língua, uma vez que meu enunciado pode estar em concomitância ou não com em relação ao “agora” da minha enunciação. Consequentemente, não sendo esse concomitante, restam duas outras opções: anterioridade ou posterioridade em relação a minha enunciação. Sendo assim, o tempo linguístico se mostra e se constrói de forma independente, já que leva em conta, única e exclusivamente, o momento da enunciação.

Nesse ponto, cabe evidenciar uma distinção importante feita no texto *As relações de tempo no verbo francês* (1959), em que Benveniste estrutura o tempo verbal em dois campos diferentes: “enunciação histórica” e “enunciação do discurso”, sendo a primeira marcada pela presença do aoristo⁵, enquanto a outra procura situar a pessoa do discurso num tempo condizente com a enunciação. (ONO, 2007). Dessa forma, juntamente com a categoria de pessoa, a categoria de tempo, mais especificamente o *presente*, constitui a base da *dialética singular*⁶, uma vez que marcam e organizam o fazer enunciativo, alinhando tempo e pessoas ao momento da enunciação. (FLORES, 2013). Entretanto, isso só se torna possível, porque:

A língua provê os falantes de um mesmo sistema de referências pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira. (BENVENISTE, 1989, p. 69).

Em outras palavras, a categoria de tempo, assim como o *eu* e o *tu*, instaura a *subjetividade* do falante no uso da língua, à medida que é composta de elementos idênticos os quais estão à disposição a todos os usuários da língua, mas que ao serem ativados no discurso são singularizados, tornando qualquer enunciação um ato de fala irreplicável. Então, mesmo que eu repita o mesmo enunciado várias e várias vezes, devido ao caráter efêmero e singular da enunciação, cada uma das construções será única.

Até o momento, duas contribuições merecem destaque: a noção tempo linguístico como marcador temporal do discurso que possui no *presente* sua ancoragem para os demais tempos; bem como a relação entre a categoria de tempo e pessoa na construção da *subjetividade*. De tudo que foi exposto até aqui, pode-se depreender a seguinte reflexão: o tempo do discurso está

⁵ Faz referência a uma ação pura e simples, sem referência de duração (abstração da duração). Expressa a ação efetuada, pura e simples, como um “ponto”. Ex: Ele caiu.

⁶ Dialética, pois a enunciação se estabelece de forma dinâmica e interativa. Singular, porque, além de ser única a condição do homem na linguagem, cada enunciação tem como produto um enunciado, o qual jamais poderá ser replicado.

intrinsecamente ligado ao ato de enunciação, à vista disso, segundo Dessons (2006, p. 124 *apud* SOMMER; NUNES, 2013, p. 171):

O problema do tempo linguístico não é, assim, realmente um problema de “tempo”, mas um problema de demarcação temporal. Trata-se de se organizar, a cada vez, a temporalidade dos julgamentos em relação a uma marcação que pode ser, no sistema do discurso, o presente da fala, ou, no sistema da narração, um momento dado, precisado no enunciado (uma data, por exemplo).

Sendo assim, o que interessa a este trabalho é investigar, nos discursos oficiais de Jair Bolsonaro sobre a Covid-19, os traços relacionados à categoria de tempo, mas não para estabelecer um elo com a realidade, pois— como se demonstrou— o tempo linguístico opera de forma autônoma e deve ser analisado como tal. Por conseguinte, essa pesquisa visa à compreensão da categoria de tempo em tais pronunciamentos em relação ao ato de enunciação e como o acionamento de determinadas formas em detrimento de outras resulta na construção da *subjetividade* do enunciador em questão.

Fato é que o tempo linguístico reflete a percepção do enunciador em relação ao que está sendo dito, colocando o enunciado em relação de concomitância com o momento da enunciação quando aciona a noção de presente e suas formas, ou em uma relação de anterioridade ao momento da enunciação ao acionar o passado e suas formas ou, ainda, em relação de posterioridade no que concerne ao momento da enunciação ao acionar o futuro e suas formas. Partindo de tais ideias, Fiorin (2016) irá se aprofundar nas acepções que o uso específico de cada forma verbal da língua portuguesa irá contribuir na produção de significado e na demarcação da subjetividade. Contudo, por mais que ambas categorias extrapolem o ato enunciativo, são pontos minimamente interessantes e/ou importantes para serem explorados.

4. DO ESPAÇO

Conforme Fiorin (2016) aponta, o espaço no discurso é organizado a partir do *hic (este)*, ou seja, do *eu*, corroborando a posição inicial de Benveniste (1995, p.288), o qual admite que “os indicadores da dêixis [...] que organizam as relações espaciais e temporais em torno do “sujeito” tomado como ponto de referência”. Logo, os pronomes demonstrativos irão exercer uma função essencial na localização dos elementos do discurso, sendo o “este” o marcador espacial da enunciação da primeira pessoa (eu); o “esse”, o marcador espacial da enunciação da segunda pessoa (tu) e o “aquele”, o marcador espacial exterior à enunciação.

De modo análogo, os advérbios também irão construir uma base de apoio para a localização dos objetos discursivos: *aqui* para a primeira pessoa, *aí* para segunda pessoa e *lá* ou *ali* para terceira pessoa. Entretanto, não há como negar que a língua dispõe de outros elementos para localização dos objetos discursivos.

Poremos em evidência a sua relação com eu definindo-os: aqui e agora delimitam a instância espacial e temporal coextensiva e contemporânea da presente instância de discurso que contém eu. Essa série não se limita a aqui e agora; é acrescida de grande número de termos simples ou complexos que procedem da mesma relação. (BENVENISTE, 1995, p.280)

Além disso, segundo Fiorin (2016, p. 233), “o espaço tópico é determinado quer em relação ao enunciador (por exemplo, “à minha esquerda”, “atrás de mim”), quer em relação a um ponto de referência inscrito no próprio discurso (por exemplo, “na frente da igreja”, “à direita da estátua”)”. Por isso, é importante ressaltar que o espaço linguístico não comporta uma relação de reflexão de uma posição geográfica no mundo real, nem mesmo aceita que as determinações do espaço físico sejam estáticas. Primeiramente, porque a localização do espaço linguístico é dada a partir das perspectivas dos actantes da enunciação em relação aos objetos e elementos dispostos no enunciado.

Logo, tal condição coloca a noção de espaço linguístico em um lugar de privilégio nas análises de subjetividade, uma vez que é essencialmente uma categoria inerente ao discurso, conforme Benveniste (1995, p.280) demonstra ao afirmar que as “formas “pronominais” não remetam à “realidade” nem a posições “objetivas” no espaço ou no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego.”. Do mesmo modo, Fiorin (2016, p. 233) chama atenção ao fato de que:

O espaço linguístico comporta suas próprias demarcações e seus próprios limites [...]. Um *aqui* é o lugar de onde alguém fala, podendo estar à esquerda ou à direita, em cima ou embaixo de x. Para sabermos onde é o aqui, é preciso saber onde se dá a enunciação, pois, isolado esse termo não remete a nenhuma posição do espaço tópico e subsuma-se a todas.

Seguindo essa lógica, Fiorin (2016) irá definir duas categorias para análise do espaço linguístico: a direcionalidade e o englobamento. Sendo a primeira uma categoria ligada ao olhar e a perspectiva focada na altura, largura e comprimento. Enquanto a segunda está relacionada ao posicionamento dado aos elementos do texto. Fato é que ambas categorias se relacionam e dessa relação surgem movimentos de aproximação ou afastamento, expansão ou concentração, saída ou entrada, entre outros que serão explicitados a partir das análises.

O que vale ser ressaltado neste capítulo, conforme aponta Barboza (2020), é que a categoria de espaço foi a menos trabalhada e detalhada na obra de Benveniste, por isso foi essa a categoria que mais fontes extras precisaram ser acionadas para que se pudesse operar uma lógica de análise mais complexa. Do mesmo modo Fiorin (2008, p.258) afirma que “das três categorias da enunciação, a menos estudada tem sido o espaço.”.

5. METODOLOGIA

5.1. O contexto e a seleção dos dados

Baseado nos construtos teóricos citados até então, serão analisados cinco discursos oficiais do atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, em relação à pandemia de Covid-19, a qual teve sua gênese no final de 2019 e eclodiu no Brasil no início de março de 2020. A fim de analisar as categorias de pessoa, tempo e espaço, à medida que se demonstrem necessárias à construção de subjetividade em tais discursos, foram selecionados apenas as falas oficiais que tivessem como eixo temático única e exclusivamente a epidemia do Coronavírus.

No intuito de se obter uma padronização, todos os pronunciamentos citados nesse trabalho foram retirados do canal oficial do Planalto no Youtube, o qual como a própria descrição já informa: é o “Canal Oficial da Presidência da República Federativa do Brasil”. Ademais, tais vídeos e áudios foram transmitidos em cadeia nacional de rádio e televisão brasileira, sendo posteriormente anexados na plataforma referida anteriormente.

Os pronunciamentos selecionados abrangem um intervalo de 15 meses entre o primeiro, feito em 22/03/2020, e o último, realizado em 06/04/2021, período que engloba o início da pandemia até o momento que se começa a prospectar horizontes mais promissores devido à campanha de vacinação, a qual começou a ocorrer –no Brasil– a partir de março de 2021. Além disso, vale ressaltar de que todos os pronunciamentos estarão, na íntegra, como anexos do trabalho. Para fins de contextualização, quando o primeiro pronunciamento analisado nesse *corpus* foi realizado (22/03/2020), o Brasil contava com aproximadamente vinte e cinco óbitos em decorrência do coronavírus e com cerca de mil e quinhentos casos confirmados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

5.2 As categorias de análise

Em relação às análises, além do construto teórico desenvolvido até aqui, o qual será de vital importância na investigação dos níveis de *subjetividade x objetividade*, *aproximação x distanciamento*, *concomitância enunciativa x não concomitância enunciativa*, *lugar x não lugar* e outros conceitos que possam ser relevantes na demonstração e materialização do sujeito no discurso em relação a categoria mencionadas anteriormente, serão incorporados ao processo

análítico três estratégias desenvolvidas em Silva (2018): distintividade, reconhecimento e compreensão da ideia global.

Tais ferramentas, não só trarão mais complexidade às investigações que serão realizadas, como também certamente farão que o leitor tenha uma visão mais ampliada da construção discursiva. Para tanto, faz-se imprescindível a definição dos conceitos anteriormente citados:

1) na distintividade (a que essa forma se opõe na relação com outra? Ser distintivo e ser significativo); 2) no reconhecimento (essa forma tem sentido no uso?) e 3) na *compreensão da ideia global* da frase/do discurso e do emprego da palavra na frase/no discurso (qual o sentido das formas sintagmatizadas nesse discurso?). (SILVA, 2018, p.423)

Notem que tais estratégias oferecem um caminho para exploração de significados, já que distinguir e reconhecer o que está posto no discurso em relação a outras possibilidades é construir significado, ou seja, ser distintivo é ser significativo (SILVA, 2018). Entretanto, é no ato de compreender as formas e sentidos empregados que adentramos no campo semântico discursivo e seus diferentes efeitos de sentidos.

E nesse jogo entre *distintividade*, *reconhecimento* e *compreensão* que o locutor está imerso sempre para significar e comunicar *com* e *para* o outro no engendramento constante dos domínios semiótico e semântico a cada vez que coloca a língua em ação e, nesse domínio, a língua, como expressão simbólica da linguagem de significar, torna-se o elo intermediário entre os indivíduos e a sociedade. (SILVA, 2018, p.424)

Dessa forma, é essencial que se reconheça e se distinga as formas utilizadas para referenciar as pessoas e não pessoas do discurso, o tempo e o espaço da enunciação, para que a partir disso se compare essas com outras possibilidades não empregadas, tendo assim uma base sólida para elaboração de inferências, uma vez que foi uma escolha utilizar determinada forma em detrimento de outra, acionando um universo semiótico (sentido) em detrimento de outro.

Porém, para que os diagnósticos apresentados não se limitem apenas aos signos e suas possibilidades, compreender a construção global do texto, principalmente no âmbito frasal, é algo crucial, posto que “somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo [...]. (Benveniste 1989, p. 229). Dessa forma, o entendimento que este trabalho faz ressoar é de que somente o discurso dá significado e vida às línguas, pois nele encontramos indícios da relação do sujeito linguístico com o outro, com o mundo e com outros sistemas simbólicos (SILVA, 2018).

Logo, esse trabalho irá investigar a noção de pessoa, tempo e espaço construída através dessa propriedade dual que compõe a língua: o semiótico que deve ser reconhecido e o

semântico que deve ser compreendido. Contudo, cabe ressaltar que Benveniste (1989, p. 83) afirma de forma clara o fato de ser na “semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância”. Tal processo é definido como o processo de apropriação da língua, atualização, sintagmatização e semantização que a princípio resume todas as outras etapas por ser o processo que transforma a língua em discurso (FLORES, 2013).

Com base no que foi exposto até então, toma-se a enunciação como o processo “de apropriação” através do qual “locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos” (BENVENISTE, 1989, p. 84). Sendo assim, a pesquisa partirá do reconhecimento e distinção dos índices específicos os quais compõem o aparelho formal da língua: índices marcadores de pessoa, de espaço e tempo, bem como de outros procedimentos acessórios que, embora não sejam específicos, possam servir como base para que o locutor marque sua posição enquanto sujeito.

Contudo, essa não será uma análise quantitativa e muito menos exaustiva, pois— apesar de ter analisado todos os discursos que serão citados neste trabalho, em suas integralidades, — não seria produtivo para o objetivo deste estudo que a totalidade desse diagnóstico fosse arrolada nas páginas que seguem, já que o que se propõe é um estudo qualitativo.

6. DAS ANÁLISES

6.1. Análise da categoria de pessoa

Os discursos oficiais do presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia de Covid-19 selecionados para análise contam com uma série de padronizações enunciativas ligadas às categorias de pessoa, tempo e espaço que podem ser exploradas, sendo a primeira delas a universalização abstrata do governo tomado como homogêneo e indissolúvel em diversas ações e decisões apresentadas em suas falas:

Desde quando **resgatamos** nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu **para nós** um sinal amarelo. **Começamos** a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois **sabíamos** que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. (BRASIL, 22/03/2020, grifo do autor)

No trecho em questão, temos o locutor abrindo mão da sua subjetividade, uma vez que o “nós” não se refere a multiplicação de vários “*eus*”, e sim uma junção de um “eu” com um “não eu”, gerando uma pessoa amplificada e difusa (FIORIN, 2016). Obviamente tais aplicações geram um valor discursivo, causando um efeito de homogeneidade e coesão em relação às ações governamentais.

A mesma estratégia é aplicada em outros momentos, só que em relação ao interlocutor - os brasileiros-, também com a finalidade de tentar conectar o espectador/ouvinte/ leitor a uma visão e um contexto compartilhado, seja para descrever o cenário pandêmico seja para dar sugestões de como lidar com a situação instaurada no país:

Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. (BRASIL, 22/03/2020, grifo do autor)

Infelizmente, **teremos** perdas no caminho. Eu mesmo já perdi entes queridos no passado, e sei o quanto é doloroso. Todos nós **temos** que evitar, ao máximo, qualquer perda de vida humana. (BRASIL, 31/03/2020, grifo do autor)

Vivemos um momento ímpar em nossa história. (BRASIL, 08/04/2020, grifo do autor)

Outro processo que aparece muito é a pessoalização e personificação de informações que poderiam ser pronunciadas de forma mais objetiva, porém, devido às escolhas e estratégias discursivas, foram anunciadas na primeira pessoa do plural:

Hoje **alcançamos** a marca de 100 milhões de doses de vacinas distribuídas a estados e municípios. [...] Com isso, **passamos** a integrar a elite de apenas cinco países que produzem vacina contra a Covid no mundo. (BRASIL, 02/06/2021, grifo do autor)

Em ambos os casos, por se tratar de uma informação, poderia ter sido aplicado a terceira pessoa do discurso, impessoalizando e racionalizando tais construções, mas devido ao teor positivo que tais enunciados tracionam, há uma escolha de subjetivar tais anúncios apelando para uma primeira pessoa do plural difusa, mas que tem um efeito semântico de conectar o leitor ao conteúdo informacional. De modo geral, pode-se perceber que são constantes as tentativas de transmitir uma ideias de unidade governamental e de pessoalizar notícias e fatos tomados como positivos pelo enunciador através do uso da primeira pessoa do plural em ações governamentais, bem como na apresentação de certos dados.

Tais subjetivações são verticalizadas em vários momentos dos diferentes discursos através dos verbos *dicendis* aplicados na primeira pessoa do singular:

Quero destacar que hoje somos o quinto país que mais vacinou no mundo. Temos mais de 14 milhões de vacinados e mais de 32 milhões de doses de vacina distribuídas para todos os estados da Federação, graças às ações que tomamos logo no início da pandemia. (BRASIL, 22/03/2021, grifo do autor)

Sempre **disse** que tínhamos dois problemas pela frente, o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados com a mesma responsabilidade e de forma simultânea. (BRASIL, 02/06/2021, grifo do autor)

Desde o começo, eu **disse** que tínhamos dois grandes desafios: o vírus e o desemprego. (BRASIL, 02/06/2021, grifo do autor)

Nos trechos mencionados, os verbos em primeira pessoa marcam o posicionamento discursivo de um “eu” em relação a um “tu” projetado. Há também uma recorrente manifestação de preocupação de salvar vidas e manter empregos, ora com “eu”, ora como “nós”, o qual muitas vezes é tão difuso e ambíguo que em certos casos se torna impossível definir se o “nós” apresentado está se referindo a um (eu+governo) ou um (eu+ interlocutor).

O que nos leva às seguintes conclusões: 1) A preocupação apresentada (“salvar vidas e manter empregos”) é do sujeito enunciador, presidente Jair Messias Bolsonaro, o qual por vezes tenta agregar o interlocutor através do uso do “nós” para persuadi-lo a abraçar tal perspectiva ou dividir a responsabilidade de tais decisões e estratégias com as demais esferas governamentais.

1. **Minha preocupação** sempre foi salvar vidas. (BRASIL, 22/03/2021, grifo do autor)
2. [...] **tínhamos** que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. (BRASIL, 22/03/2021, grifo do autor)
3. **Os empregos** devem ser mantidos. (BRASIL, 22/03/2021, grifo do autor)
4. [...] **reafirmo** a importância da colaboração e a necessária união de todos num grande pacto para preservação da vida e dos empregos. (BRASIL, 31/03/2020, grifo do autor)
5. **Temos** uma missão: salvar vidas, sem deixar para trás os empregos. (BRASIL, 31/03/2020, grifo do autor)
6. Por outro, **temos** que combater o desemprego que cresce rapidamente, em especial entre os mais pobres. (31/03/2020, grifo do autor)

Com base nos trechos extraídos dos discursos, fica evidente o argumento central utilizado pelo presidente de salvar vidas e manter os empregos, entretanto, da forma como estão colocadas tais categorias, principalmente no excerto cinco, parece haver algum grau de incompatibilidade entre salvar vidas e manter os empregos. Quando analisamos a marcação do sujeito e o nível de subjetividade inserido em cada trecho, percebe-se que nos fragmentos um e quatro há uma demarcação da primeira pessoa através do sujeito elíptico e do dêitico “minha”, marcando um posicionamento, gerando um efeito de sentido de subjetivação.

Enquanto isso, nas passagens dois, cinco e seis, tem-se a utilização do “nós” trazendo um efeito de sentido de unicidade, ainda que com a ideia análoga de combate ao desemprego em concomitância com a missão de salvar vidas. Por outro lado, o enunciado três é o único que aparece na 3ª pessoa do discurso sem o auxílio de nenhum dêitico ou elemento acessório para a marcação de subjetividade, ainda que haja nesse trecho uma ideia similar aos demais fragmentos. O que sugere a seguinte questão: qual seria a diferença de colocar da estrutura três para as demais?

Para responder tal questionamento, é preciso lembrar que a terceira pessoa é a *não pessoa* do discurso e, ao utilizá-la, criamos o efeito de sentido de racionalidade, impessoalidade, dando, muitas vezes, às opiniões um caráter de verdade. Logo, é possível afirmar que se tem uma ideia em todos os discursos que aparece dialogando com a subjetividade do presidente ou com a projeção feita do governo por esse é o desemprego, o qual é frisado e trabalhado desde a sua forma mais pessoal (eu) até a forma projetada de sujeito (nós), bem como através da *não pessoa* do discurso (ele).

Outro ponto relevante, que dialoga muito com o processo de impessoalização citado anteriormente, é o fato de Jair Messias Bolsonaro em dados momentos reivindicar seu papel

social e partir dele fazer alegações mais subjetivas. Tal processo cria também uma racionalização e impessoalização às ponderações mais subjetivas feitas posteriormente.

Ser presidente da República é olhar o todo, e não apenas as partes. Não restam dúvidas de que nosso objetivo principal sempre foi salvar vidas. (BRASIL, 08/04/2020, grifo do autor)

A minha obrigação como presidente vai para além dos próximos meses. Preparar o Brasil para a sua retomada, reorganizar a nossa economia e mobilizar todos os nossos recursos e energia para tornar o Brasil ainda mais forte após a pandemia. (BRASIL, 31/03/2020, grifo do autor)

Em ambas as passagens, Bolsonaro ativa seu papel social para embasar suas perspectivas e decisões, ficando perceptível uma tentativa de impessoalização através da ativação de sua função enquanto presidente. A mesma impessoalização e uso da não pessoa também é aplicada nas construções que fazem referência ao coronavírus.

1. Começamos a nos preparar para enfrentar **o coronavírus**, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde **ele** chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate **ao vírus** [...](BRASIL, 22/03/2021, grifo do autor)
2. **O vírus** é uma realidade. Ainda não existe vacina contra **ele** ou remédio com eficiência cientificamente comprovada [...] **O coronavírus** veio e, um dia, irá embora. (BRASIL, 31/03/2020, grifo do autor)
3. **O vírus** chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. (BRASIL, 02/06/2021, grifo do autor)

Outro ponto constatado nos discursos de Jair Bolsonaro em relação à Covid-19 é o fato de que há uma personificação do vírus, o qual passa a ser tratado como o inimigo a ser combatido, contudo esse “combate” e/ou “enfrentamento” só ganha corpo de fato a partir do discurso do dia 23/03/2021 e 02/06/2021, os dois últimos analisados nesta pesquisa. Vale ressaltar que no discurso do 08/04/2020 há ações sendo relatadas em relação a pandemia, porém todas voltadas para o campo econômico. Por mais que essas constatações não sejam relacionadas exclusivamente à noção de pessoa, trata-se de um ponto bem marcante e que vale ser ressaltado.

Além disso, o trabalho não nega a possibilidade de ações concretas contra a Covid-19 terem sido anunciadas em entrevistas, conferências ou outros pronunciamentos não oficiais. Além disso, há uma tentativa de atenuar os efeitos do vírus, principalmente nos primeiros discursos da lista apresentada, em expressões como “brevemente passará” e “o coronavírus veio e, um dia, irá embora”. Essas e outras estruturas denotam uma certa facilidade, naturalidade e dão a entender que o fim da pandemia independe de ações governamentais.

Todavia, percebe-se que o processo de mitigação do vírus e seus efeitos foi gradualmente sendo fragilizado pronunciamento após pronunciamento, tanto que o primeiro discurso oficial aqui analisado (22/03/2021) carrega a célebre passagem:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado **pelo vírus**, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma **gripezinha ou resfriadinho**, [...]. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. (BRASIL, 22/03/2021, grifo do autor)

Conforme apontado, o trecho retirado do primeiro discurso minimiza ao máximo os efeitos da Covid-19 pela utilização dos diminutivos destacados, porém, conforme a pandemia avançava e suas consequências tomavam proporções assustadoras tal percepção foi sendo abrandada e tomando tons mais realistas. Ressalto que me refiro única e exclusivamente ao *corpus* investigado, tentando– ao máximo– despir tais comentários de qualquer viés político.

Ainda assim, nos últimos discursos é possível encontrar passagens em que o presidente impessoaliza certas opiniões, deixando transparente o posicionamento do governo em relação ao lockdown, isolamento social e preocupação com os empregos.

O Nosso governo não obrigou ninguém a ficar em casa, não fechou o comércio, não fechou igrejas ou escolas e não tirou o sustento de milhões de trabalhadores informais. (BRASIL, 02/06/2021, grifo do autor)

Aqui, através da impessoalização, ao não atribuir as medidas de isolamento social ao governo, fica subentendido que existem outros culpados pela crise que o Brasil enfrentava, ao mesmo tempo que há um posicionamento contrário às medidas de distanciamento social. De forma geral, esses são os implícitos e as estratégias que permeiam o restante dos discursos em relação à categorização de pessoa.

Portanto, no que tange a tal categoria, temos um uso exacerbado da pessoa amplificada, (nós) principalmente para apresentar ações governamentais e criar o efeito de homogeneidade nas estruturas do governo. Em contrapartida, a subjetividade (eu) é acionada por Bolsonaro, de forma geral, quando esse sente necessidade de demonstrar sua autoridade, alguma ordem que tenha dado ou sente de algum modo a necessidade de se conectar ao interlocutor emocionalmente.

O interlocutor é citado uma única vez através do pronome “vocês”, logo fica subentendido que o “tu” dessa enunciação é o povo brasileiro. Em relação às não pessoas do discurso, a mais importante e que merece certo destaque no diagnóstico realizado foi a personificação do vírus, contudo há outras formas impessoalizadas, mas que não apresentam

uma regularidade significativa ou são acionadas por meio de polifonia, o que não é objeto de estudo desta pesquisa.

Por fim, o que se pretende demonstrar com essa investigação é que a categoria de pessoa cumpre um papel fundamental na construção de sentidos de um texto, sendo uma escolha do locutor relatar na 1º, 2º ou 3º pessoa determinado fato ou opinião. Contudo, fica evidente que tais decisões implicarão em efeitos de sentidos únicos os quais ao se relacionarem com as demais estruturas do discurso irão se ressignificar e criar um padrão possível de ser analisado com mais precisão ainda.

6.2. Análise da categoria de tempo e espaço

Uma das principais características do discurso, segundo Benveniste (1989), Flores (2013) e Silva (2018), é a irrepetibilidade, pois, além das categorias de pessoa (eu-tu) serem únicas na língua, a noção de espaço(aqui) e tempo (tempo) jamais poderão ser reproduzidas de forma idêntica. Dessa forma, as categorias de tempo e espaço e suas marcas podem revelar muito acerca da subjetividade de quem as enuncia.

Logo, partindo do princípio de que o único tempo verbal inerente à língua é o presente e de que o passado ou o futuro são apenas projeções realizadas a partir do momento da alocução, é possível identificar alguns pontos e arquétipos nos textos selecionados para esse trabalho. Logo no primeiro pronunciamento, Bolsonaro se posiciona em relação à mídia no seguinte trecho:

Mas, o que **tínhamos que conter naquele momento** era o pânico, a histeria. E, **ao mesmo tempo**, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim **fizemos** [...] Grande parte dos meios de comunicação **foram** na contramão. **Espalharam** exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso [...] Contudo, **percebe-se que, de ontem para hoje**, parte da imprensa **mudou** seu editorial. **Podem** calma e tranquilidade. Isso é muito bom. (BRASIL, 22/03/2021, grifo do autor)

No primeiro discurso, o presidente coloca a mídia como a *não pessoa* do discurso, culpando-a pela “histeria” e o “pavor” teoricamente sentido pela população. Conforme colocado anteriormente, esse primeiro discurso tem um caráter negacionista bem mais incisivo, visto que culpabiliza uma terceira pessoa pela criação de um sentimento de “pavor”. Além disso, os aspectos temporais do trecho selecionado refletem uma mudança de comportamento dessa não pessoa do discurso em um determinado eixo temporal sinalizado pelo enunciador (ontem → hoje). Tal transformação é vista como algo positivo no momento da enunciação através do verbo “é”.

Em outras palavras, o fragmento acima, deve-se começar pelo conjunto de elementos que alicerçam a fala do presidente à momento da alocação: “percebe-se que, de ontem para hoje [...]”. Nesse excerto, o presidente usa o presente do indicativo para conectar seu ponto de vista ao momento da enunciação, o que é reforçado pelo adjunto adverbial “hoje” na sequência. Em outras palavras, no momento de sua fala, Bolsonaro atesta que o comportamento da mídia foi modificado em relação às manchetes.

O presente volta a ser ativado com o verbo “pedem”, exibindo uma ação recorrente e com o verbo “é” compondo um predicado nominal responsável por qualificar essa nova conjuntura: em que a imprensa, em tese, estaria amenizando suas falas em relação a pandemia. Todavia, a situação inicial apresentada no passado, através dos verbos “foram” e “espalharam”, estabelece uma dissonância entre os canais de comunicação e o governo, o qual se viu na missão de “conter” os efeitos das condutas danosas da imprensa.

Aqui as formas apresentadas, bem como as projeções temporais de passado e fixação do tempo presente são primordiais para se entender a relação conflitante que o presidente aparenta ter com os mecanismos de informação e também a ótica que Jair Bolsonaro nutria acerca da pandemia e suas consequências em um primeiro momento. Ainda neste primeiro pronunciamento, o apelo para a volta à normalidade se demonstrava bem enfático como é possível perceber no próximo excerto:

O vírus **chegou, está** sendo enfrentado por nós e brevemente **passará**. Nossa **vida tem que continuar**. Os empregos **devem ser mantidos**. O sustento das famílias **deve ser preservado**. **Devemos**, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais **devem** abandonar o conceito de terra arrasada [...] (BRASIL, 22/03/2021, grifo do autor)

Nesse ponto, há uma afirmação que é concomitante ao momento da enunciação: “está sendo enfrentado”, porém, em consonância com o que foi dito anteriormente, nos dois primeiros pronunciamentos poucas ações de fato são apresentadas no que se refere ao combate da Covid-19. Além disso, ao relatar que o vírus “chegou”, usa-se o pretérito perfeito do indicativo, o que gera o efeito de fato consumado, como se pouco ou nada desse para ser feito em relação a isso.

Na sequência, é relatado que o vírus “brevemente passará [...]”, no cenário da época essa previsão era no mínimo hipotética, visto que não existia vacina ou medicamento que pudesse por fim àquela situação. Além disso, há uma tentativa de aproximar do presente o fim da pandemia através do modalizador verbal “brevemente”. Em relação à utilização do futuro na enunciação, Fiorin (2016, p.137, grifo do autor) vai afirmar que:

O valor atemporal do futuro determina que, a menos que a proposição exprima uma verdade atemporal, ele não pode expressar uma modalidade factual, pois seu valor de verdade não pode ser determinado no momento da enunciação. Por conseguinte, a única possibilidade de fazer asserções no futuro depende da avaliação que o enunciador faz da **necessidade, probabilidade ou impossibilidade** da ocorrência de um dado estado de coisa.

Aplicando essa teoria ao trecho em questão, percebe-se que nada tem de factual em alegar que “brevemente” a pandemia irá acabar. O que ocorre nesse caso é uma necessidade subjetiva de expressar tal prognóstico. Ainda assim, tem-se na continuação da passagem uma série de verbos no presente (tem, deve, devemos) que estão tomando como base a suposição de que a pandemia “passará”. Tal relação vai perdendo força e ganhando novas relações nos discursos que seguem como se pode observar a seguir:

Minha preocupação **sempre foi** salvar vidas. Tanto **as que perderemos** pela pandemia como aquelas **que serão atingidas** pelo desemprego, violência e fome. Me **coloco** no lugar das pessoas e entendo suas angústias. As medidas protetivas **devem** ser implementadas de forma racional, responsável e coordenada. (BRASIL, 31/03/2021, grifo do autor)

Diferentemente do primeiro texto, em que a preocupação era conter a histeria e salvar vidas, aqui se tem a preocupação com a vida destacada e dividindo espaço apenas com o desemprego; abandona-se a ideia de pânico desenvolvida no pronunciamento anterior. Contudo, o mesmo processo de estimativa futura é realizado através dos verbos “perderemos” e “serão atingidas”, os quais respeitam a mesma lógica da análise anterior: nada há de factual nessas construções, porém, Bolsonaro achou relevante antecipar esse cenário, talvez devido ao alto grau de probabilidade do que está sendo relatado acontecer.

Quando se descreve cenários futuros viáveis de acontecer, cria-se um efeito de consciência muito maior, como se o locutor tivesse noção de todas as variáveis que envolvem um determinado problema. Porém as previsões apresentadas não eram de fato um desafio, uma vez que o número de mortes e de casos confirmados só aumentavam dia após dia. Contudo, aparentemente, a atenção destinada à questão econômica continuava a ganhar força em seus discursos, apesar de não haver negativas em relação à gravidade do contexto pandêmico.

[...]Precisamos pensar nos mais vulneráveis. Essa **tem sido** a minha preocupação **desde o princípio**. O que **será** do camelô, do ambulante, do vendedor de churrasquinho, da diarista, do ajudante de pedreiro, do caminhoneiro e dos outros autônomos, com quem **venho** mantendo contato durante toda minha vida pública? (BRASIL, 31/03/2021, grifo do autor)

O foco passa a ser mais apelativo e direcionado a conscientização da realidade concomitante à enunciação do presidente, explorando sua preocupação e o fato de essa não ter

mudado desde o início. No segundo discurso, são apresentadas algumas medidas econômicas como “Adiamos também o pagamento de dívidas dos estados e municípios, só para citar algumas das medidas adotadas [...]” (BRASIL, 31/03/2021, grifo do autor). E também é citado que “estão sendo adquiridos novos leitos, já com respiradores, equipamentos de proteção individual, kits para testes e demais insumos necessários.”.

Nos discursos que se sucedem muito do que foi citado se repete, as questões econômicas ganham centralidade, mas a seriedade com que se trata as questões de saúde pública também aumentam, conforme podemos observar a seguir:

Vivemos um momento ímpar em nossa história. [...] **Espero** que **brevemente saíamos** juntos e mais fortes para que **possamos** melhor desenvolver o nosso país. (BRASIL, 08/04/2021, grifo do autor)

Agora, o presente é tratado como uma realidade dura e histórica, há desejos de melhora para um futuro, mas isso já não é mais dado como certo, pois é apresentado no modo subjuntivo, ou seja, diferentemente do primeiro discurso em que o fim da pandemia era tomado como algo “certo”, a partir do terceiro discurso isso passa a ser um desejo, mesmo que nesse pronunciamento tenham mais ações de combate à Covid-19 do que nos outros dois até então. Nos próximos discursos, o número de ações relatadas aumentam significativamente, a preocupação com os empregos se mantém, a vacina traz um tom mais esperançoso as falas:

Ao final do ano, **teremos** alcançado mais de 500 milhões de doses para vacinar toda a população. **Muito em breve, retomaremos nossa vida normal** (BRASIL, 23/03/2021, grifo do autor)

Notem que por mais que os verbos sublinhados no trecho estejam no futuro do presente, não constituindo assim fatos propriamente ditos, esses possuem uma base mais sólida, tornando-os mais prováveis. Tanto que passam a ser incorporados não só como promessa, mas antecipados como realidade.

Estamos fazendo e vamos fazer de 2021 o ano da vacinação dos brasileiros. (BRASIL, 06/02/2021, grifo do autor)

O objetivo desta pesquisa não é concordar ou discordar do posicionamento político ideológico do presidente e seus apoiadores, mas trazer para à superfície efeitos de sentido implícitos, capazes de serem revelados através do estudo das categorias da linguagem. Logo, o que se percebe até aqui é que houve uma mudança de perspectiva em relação ao coronavírus e seus efeitos, principalmente, através das projeções em relação ao futuro.

Em contrapartida, a relação de espaço desenvolvida no decorrer do discurso é muito coesa e sofre pouquíssima transformação, o que se percebe nas falas analisadas é uma noção unificada do espaço que se apresenta de forma homogênea e pessoalizada.

Agora, as Forças Armadas atuam em apoio às áreas de saúde e segurança **em todo o Brasil**. (BRASIL, 31/03/2020, grifo do autor)

Espero que brevemente saíamos juntos e mais fortes para que possamos melhor desenvolver **o nosso país**. (BRASIL, 08/04/2020, grifo do autor)

Sinto profundamente cada vida perdida **em nosso país**. (BRASIL, 02/06/2021, grifo do autor)

Como pode ser averiguado, o Brasil é sempre tomado como um lugar totalizante sem diferenças, o que de certa forma é interessante e condizente com uma fala do Chefe do Poder Executivo. Há menção a outros lugares que não seja o “nosso” lugar, mas nada que se destaque e que tenha uma relevância maior.

Com isso, encerro as análises e contribuições em relação aquilo que essa pesquisa se propõe. Cabe ressaltar que esse estudo não tem a pretensão de esgotar as análises de tais textos ou discursos, mas sim de aplicar as teorias enunciativas por meio de um modelo de análise a fim de desvendar significados implícitos que marquem posicionamentos do sujeito na materialidade do texto através das categorias de pessoas, tempo e espaço.

CONCLUSÃO

Com base no que foi exposto até aqui, é possível afirmar que a Teoria da Enunciação se constitui como uma ferramenta de análise da linguagem, das línguas, do texto, mas principalmente, do discurso enquanto processo e ato de apropriação da língua pelo falante. Entender a aplicação desses mecanismos é essencial para uma análise que transcenda o campo semiótico, adentrando— por consequência— no campo semântico.

Contudo, esse trabalho parte do percurso histórico que deu origem ao campo dos estudos enunciativos, para isso foi preciso remontar a dualidade proposta pelos estudos Saussurianos que, apesar de não se preocuparem com o uso das línguas, não ignoravam a possibilidade de uma linguística que se ocupasse de tal objeto tão volátil: a fala. Benveniste, como visto, ainda que ancorado em muitas dualidades de Saussure, transcendeu o caráter sistêmico e semiótico em suas investigações. Voltando seus esforços para reflexões sobre o discurso, mais que isso, preocupado em entender o processo que transformava as línguas em discurso e o homem em sujeito, Benveniste precisou ir além da língua enquanto código e teorizar acerca das relações entre o homem e a linguagem.

Logo, tentando localizar tais tópicos, este trabalho definiu epistemicamente conceitos-chaves para Teoria de Benveniste: Linguagem, Línguas e falante. Entender tais conceitos certamente é essencial para uma leitura mais profunda desta pesquisa, já que as categorias da linguagem de pessoa, tempo e espaço se manifestam nas diferentes línguas de diferentes formas demarcando a subjetividade do falante nos discursos produzidos.

Partindo dessas categorizações, enquanto ferramentas, mostrou-se ser possível tocar a subjetividade do sujeito que enuncia, demonstrando assim o papel fundamental que a linguagem, através das línguas e seus índices específicos, na constituição das identidades. Logo, entender tal dinâmica, ter ferramentas e estratégias de diagnosticar a relação entre homem e linguagem é algo crucial.

Esse trabalho pode servir à diferentes propósitos, desde ponto de partida para futuros trabalhos voltados para análises enunciativas, até mesmo como mecanismo de apoio para o fazer pedagógico ampliando as possibilidades de análises textuais, indo além do universo da gramática normativa.

REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Gabriela. **A propósito da noção de espaço na teoria da enunciação de Émile Benveniste**. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BENVENISTE, E. A forma e o sentido na linguagem (1967). In: **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana (1965). In: **Problemas de Linguística Geral II**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes (1956). In: **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. As relações de tempo no verbo francês (1959). In: **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem (1958). In: **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, E. Os níveis da análise linguística (1964). In: **Problemas de Linguística Geral I**. 5.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, E. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963). In: **Problemas de Linguística Geral I**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BRASIL. **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão de 22/03/2020**. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso em: 10/03/2022.
- BRASIL. **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão de 31/03/2020**. Disponível em: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso em: 10/03/2022.

republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-1>. Acesso em: 10/03/2022.

BRASIL. Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão de 08/04/2020. Disponível em: < <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-4>>. Acesso em: 10/03/2022.

BRASIL. Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão de 23/03/2021. Disponível em: < <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-nacional-de-radio-e-televisao-23-03-2021>>. Acesso em: 10/03/2022.

BRASIL. Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão de 02/06/2021. Disponível em: < <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-nacional-de-radio-e-televisao-02-06-2021>>. Acesso em: 10/03/2022.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação.** As categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, J. L. **Operações discursivas do discurso da extrema-direita.** Discurso & Sociedad, vol. 13, n. 3. Chile: PUC, 2019. p. 370-382. Disponível em: <<http://www.dissoc.org/ediciones/v13n03/DS13%283%29Fiorin.pdf>>. Acesso em: 16 de jan. 2022.

FIORIN, J. L. **A pessoa desdobrada.** ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, 1996, UNESP, v. 39:23-44.

FIORIN, J. L. **Em busca do sentido:** Estudos discursivos. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa Benvenistiana.** 1.ed. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **A língua, as línguas, o pensamento:** apontamentos de leitura de Categorias de pensamento e categorias de língua. DESENREDO (PPGL/UPF), v. 14, p. 504-514, 2018.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Sujeito da enunciação e/ou sujeito do enunciado?** Exterioridade e interioridade teórica no campo da linguística da enunciação. Pelotas: UCPel, 2007 .

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil:** quatro aulas na École Normale Supérieure. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. (orgs). **Dicionário de Linguística da Enunciação.** São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. **Enunciação e gramática**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2021.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. 1. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual**, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

NORMAND, C. (2006). **SAUSSURE-BENVENISTE**. *Letras*, (33), 13–21.

ONO, Aya. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert-Lucas, 2007, p. 15-57.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein Cultrix, São Paulo: 1975.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem**. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada [online]. 2018, v. 34, n. 1 [Acessado 30 Janeiro 2022] , pp. 419-433. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-44501108954472384>>. ISSN 1678-460X.>

SOMMER, Farias, Bruna; ÁVILA, Nunes, Paula **O tempo do homem é o tempo da língua, o tempo da língua é o tempo do homem**: reflexões sobre a noção de temporalidade em Saussure e em Benveniste Nonada: Letras em Revista, vol. 1, núm. 20, mayo-septiembre, 2013, pp. 153-176 *Laureate International Universities*. Porto Alegre, Brasil.

ANEXOS I

Pronunciamento público na televisão e no rádio dia 22/03/2020

Desde quando resgatamos nossos irmãos em Wuhan, na China, em uma operação coordenada pelos ministérios da Defesa e das Relações Exteriores, surgiu para nós um sinal amarelo. Começamos a nos preparar para enfrentar o coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. Contudo, percebe-se que, de ontem para hoje, parte da imprensa mudou seu editorial. Pedem calma e tranquilidade. Isso é muito bom. Parabéns, imprensa brasileira.

É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam, entre nós. O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença.

Aproveito para render as minhas homenagens a todos os profissionais de saúde. Médicos, enfermeiros, técnicos e colaboradores que, na linha de frente nos recebem nos hospitais, Nos tratam e nos confortam. Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, para ser uma grande Nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos, Deus abençoe nossa pátria querida.

ANEXO II

Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro, em Cadeia de Rádio e Televisão, em 31/03/2020.

Boa noite.

Venho, nesse momento importante, me dirigir a todos vocês. Desde o início do governo, temos trabalhado em todas as frentes para sanar problemas históricos e melhorar a vida das pessoas.

O Brasil avançou muito nesses 15 meses. Mas agora, estamos diante do maior desafio da nossa geração.

Minha preocupação sempre foi salvar vidas. Tanto as que perderemos pela pandemia como aquelas que serão atingidas pelo desemprego, violência e fome.

Me coloco no lugar das pessoas e entendo suas angústias. As medidas protetivas devem ser implementadas de forma racional, responsável e coordenada.

Nesse sentido, o senhor Tedros Adhanom, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, disse saber que muitas pessoas de fato têm que trabalhar todos os dias para ganhar seu pão diário. E que os governos têm que levar essa população em conta.

Continua ainda: se fecharmos ou limitarmos movimentações, o que acontecerá com essas pessoas que tem que trabalhar todos os dias e que têm que ganhar o pão de cada dia, todos os dias?

Ele prossegue: então cada país, baseado em sua situação, deveria responder a essa questão. O diretor da OMS afirma ainda que, com relação a cada medida, temos que ver o que significa para o indivíduo nas ruas.

E complementa: eu venho de família pobre, eu sei o que significa estar sempre preocupado com seu pão diário. Isso deve ser levado em conta, porque todo indivíduo importa. A maneira como cada indivíduo é afetado pelas nossas ações tem que ser considerada.

Não me valho dessas palavras para negar a importância das medidas de prevenção e controle da pandemia, mas para mostrar que, da mesma forma, precisamos pensar nos mais vulneráveis.

Essa tem sido a minha preocupação desde o princípio. O que será do camelô, do ambulante, do vendedor de churrasquinho, da diarista, do ajudante de pedreiro, do caminhoneiro e dos outros autônomos, com quem venho mantendo contato durante toda minha vida pública?

Por isso, determinei ao nosso ministro da Saúde que não poupasse esforços, apoiando através do SUS todos os estados do Brasil. Aumentando a capacidade da rede de saúde e preparando-a para o combate à pandemia.

Assim, estão sendo adquiridos novos leitos, já com respiradores, equipamentos de proteção individual, kits para testes e demais insumos necessários.

Determinei, ainda, ao nosso ministro da Economia que adotasse todas as medidas possíveis para proteger sobretudo o emprego e a renda dos brasileiros.

Fizemos isso através de ajuda financeira aos estados e municípios. Linhas de créditos para empresas, auxílio mensal de R\$ 600 aos trabalhadores informais e vulneráveis. Entrada de mais de 1,2 milhão de famílias no programa Bolsa Família.

Adiamos também o pagamento de dívidas dos estados e municípios, só para citar algumas das medidas adotadas.

Além disso, no dia de hoje, em comum acordo com a indústria farmacêutica, decidimos adiar em 60 dias o reajuste de medicamentos no Brasil.

Temos uma missão: salvar vidas, sem deixar para trás os empregos. Por um lado, temos que ter cautela e precaução com todos, principalmente junto aos mais idosos e portadores de doenças pré-existentes. Por outro, temos que combater o desemprego que cresce rapidamente, em especial entre os mais pobres.

Vamos cumprir essa missão, ao mesmo tempo em que cuidamos da saúde das pessoas.

O vírus é uma realidade. Ainda não existe vacina contra ele ou remédio com eficiência cientificamente comprovada, apesar de a hidroxicloroquina parecer bastante eficaz.

O coronavírus veio e, um dia, irá embora. Infelizmente, teremos perdas no caminho. Eu mesmo já perdi entes queridos no passado, e sei o quanto é doloroso. Todos nós temos que evitar, ao máximo, qualquer perda de vida humana.

Como disse o diretor-geral da OMS, todo indivíduo importa. Ao mesmo tempo, devemos evitar a destruição de empregos que já vem trazendo muito sofrimento para os trabalhadores brasileiros.

Na última reunião do G-20, nós, os chefes de Estado e de governo, nos comprometemos a proteger vidas e a preservar empregos. Assim o farei.

Desde fevereiro, determinei o emprego das Forças Armadas no combate ao coronavírus. O Ministério da Defesa realizou o resgate de brasileiros na China. Agora, as Forças Armadas atuam em apoio às áreas de saúde e segurança em todo o Brasil.

Foi ativado um centro de operações que coordena as ações e dez comandos conjuntos foram criados, cobrindo todo o território nacional. Realizam ações que vão desde a montagem

de postos de triagem em pacientes, apoio a campanhas informativas e campanhas de vacinação, logística e transporte de medicamentos.

Os laboratórios químico-farmacêuticos militares entraram com força total. E, em 12 dias, serão produzidos 1 milhão de comprimidos de cloroquina, além de álcool em gel.

Repito: o efeito colateral das medidas de combate ao coronavírus não pode ser pior que a própria doença.

A minha obrigação como presidente vai para além dos próximos meses. Preparar o Brasil para a sua retomada, reorganizar a nossa economia e mobilizar todos os nossos recursos e energia para tornar o Brasil ainda mais forte após a pandemia.

Aproveito a oportunidade para me solidarizar e agradecer o empenho e sacrifício pessoal de todos os profissionais da saúde, da área de segurança, caminhoneiros e todos os trabalhadores de serviços considerados essenciais, que estão mantendo o país funcionando. Bem como aos homens e mulheres do campo, que produzem nossos alimentos.

Com esse mesmo espírito, agradeço e reafirmo a importância da colaboração e a necessária união de todos num grande pacto para preservação da vida e dos empregos. Parlamento, Judiciário, governadores, prefeitos e sociedade.

Deus abençoe o nosso amado Brasil.

ANEXO III

Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (08/04/2020)

Boa noite, Vivemos um momento ímpar em nossa história. Ser presidente da República é olhar o todo, e não apenas as partes. Não restam dúvidas de que nosso objetivo principal sempre foi salvar vidas. Gostaria, antes de mais nada, de me solidarizar com as famílias que perderam seus entes queridos nessa guerra que estamos enfrentando. Tenho a responsabilidade de decidir sobre as questões do País de forma ampla, usando a equipe de ministros que escolhi para conduzir os destinos da nação. Todos devem estar sintonizados comigo. Sempre afirmei que tínhamos dois problemas a resolver: o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados simultaneamente. Respeito a autonomia dos governadores e prefeitos. Muitas medidas, de forma restritiva ou não, são de responsabilidade exclusiva dos mesmos. O Governo Federal não foi consultado sobre sua amplitude ou duração. Espero que brevemente saíamos juntos e mais fortes para que possamos melhor desenvolver o nosso país.

Como afirmou o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde, cada país tem suas particularidades, ou seja, a solução não é a mesma para todos. Os mais humildes não podem deixar de se locomover para buscar o seu pão de cada dia.

As consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a própria doença. O desemprego também leva à pobreza, à fome, à miséria, enfim, à própria morte. Com esse espírito, instruí meus ministros.

Após ouvir médicos, pesquisadores e Chefes de Estado de outros países, passei a divulgar, nos últimos 40 dias, a possibilidade de tratamento da doença desde sua fase inicial.

Há pouco, conversei com o Dr. Roberto Kalil. Cumprimentei-o pela honestidade e compromisso com o Juramento de Hipócrates, ao assumir que não só usou a Hidroxicloroquina, bem como a ministrou para dezenas de pacientes. Todos estão salvos.

Disse-me mais: que, mesmo não tendo finalizado o protocolo de testes, ministrou o medicamento agora, para não se arrepender no futuro. Essa decisão poderá entrar para a história como tendo salvo milhares de vidas no Brasil. Nossos parabéns ao Dr. Kalil.

Temos mais boas notícias. Fruto de minha conversa direta com o Primeiro-Ministro da Índia, receberemos, até sábado, matéria-prima para continuarmos produzindo a hidroxicloroquina, de modo a podermos tratar pacientes da COVID-19, bem como malária, lúpus e artrite. Agradeço ao Primeiro-Ministro Narendra Modi e ao povo indiano por esta ajuda tão oportuna ao povo brasileiro.

A partir de amanhã, começaremos a pagar os R\$ 600,00 de auxílio emergencial para apoiar trabalhadores informais, desempregados e microempreendedores durante três meses.

Concedemos, também, a isenção do pagamento da conta de energia elétrica aos beneficiários da tarifa social, por 3 meses, atendendo a mais de 9 milhões de famílias que tenham suas contas de até R\$ 150,00.

Disponibilizamos 60 bilhões via Caixa Econômica Federal para capital de giro destinados a micro, pequenas e médias empresas e à construção civil.

Os beneficiários do Bolsa Família, que são quase 60 milhões de pessoas, também receberão um abono complementar do Auxílio Emergencial.

Autorizamos, ainda, para junho, um saque de até R\$ 1.045,00 aos que têm conta vinculada ao FGTS.

Repatriamos mais de 11 mil brasileiros que estavam no exterior, num esforço capitaneado pelo Itamaraty, Ministério da Defesa e Embratur.

Tenho certeza de que a grande maioria dos brasileiros quer voltar a trabalhar.

Esta sempre foi minha orientação a todos os ministros, observadas as normas do Ministério da Saúde.

Quando deixar a Presidência, pretendo passar ao meu sucessor um Brasil muito melhor do que aquele que encontrei em janeiro do ano passado.

Sigamos João 8:32: E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará;

Desejo a todos uma Sexta-Feira Santa de reflexão e um Feliz Domingo de Páscoa.

Deus abençoe o nosso Brasil.

ANEXO IV

Em cadeia nacional de rádio e televisão, o presidente Jair Bolsonaro faz pronunciamento sobre vacinação (23.03.2021).

Boa noite,

Estamos no momento de uma nova variante do coronavírus, que infelizmente tem tirado a vida de muitos brasileiros.

Desde o começo, eu disse que tínhamos dois grandes desafios: o vírus e o desemprego. E, em nenhum momento, o governo deixou de tomar medidas importantes tanto para combater o coronavírus como para combater o caos na economia, que poderia gerar desemprego e fome.

Quero destacar que hoje somos o quinto país que mais vacinou no mundo. Temos mais de 14 milhões de vacinados e mais de 32 milhões de doses de vacina distribuídas para todos os estados da Federação, graças às ações que tomamos logo no início da pandemia.

Em julho de 2020, assinamos um acordo com a Universidade Oxford para a produção, na Fiocruz, de 100 milhões de doses da vacina AstraZeneca e liberamos, em agosto, 1 bilhão e 900 milhões de reais.

Em setembro de 2020, assinamos outro acordo com o consórcio Covax Facility para a produção de 42 milhões de doses. O primeiro lote chegou no domingo passado e já foi distribuído para os estados.

Em dezembro, liberamos mais 20 bilhões de reais, o que possibilitou a aquisição da Coronavac, através do acordo com o Instituto Butantan.

Sempre afirmei que adotariamos qualquer vacina, desde que aprovada pela Anvisa. E assim foi feito.

Hoje, somos produtores de vacina em território nacional. Mais do que isso, fabricaremos o próprio insumo farmacêutico ativo, que é a matéria-prima necessária. Em poucos meses, seremos autossuficientes na produção de vacinas. Não sabemos por quanto tempo teremos que enfrentar essa doença, mas a produção nacional vai garantir que possamos vacinar os brasileiros todos os anos, independentemente das variantes que possam surgir.

Neste mês, intercedi pessoalmente junto à fabricante Pfizer para a antecipação de 100 milhões de doses, que serão entregues até setembro de 2021. E também com a Janssen, garantindo 38 milhões de doses para este ano.

Quero tranquilizar o povo brasileiro e afirmar que as vacinas estão garantidas.

Ao final do ano, teremos alcançado mais de 500 milhões de doses para vacinar toda a população. Muito em breve, retomaremos nossa vida normal.

Solidarizo-me com todos aqueles que tiveram perdas em suas famílias. Que Deus conforte seus corações!

Estamos fazendo e vamos fazer de 2021 o ano da vacinação dos brasileiros.

Somos incansáveis na luta contra o coronavírus. Essa é a missão e vamos cumpri-la.

Deus abençoe o nosso Brasil.

ANEXO V

Presidente Jair Bolsonaro faz pronunciamento em cadeia nacional de rádio e televisão. (02.06.2021)

Boa noite,

Sinto profundamente cada vida perdida em nosso país.

Hoje alcançamos a marca de 100 milhões de doses de vacinas distribuídas a estados e municípios.

O Brasil é o quarto país que mais vacina no planeta.

Neste ano, todos os brasileiros, que assim o desejarem, serão vacinados. Vacinas essas que foram aprovadas pela Anvisa.

Ontem, assinamos acordo de transferência de tecnologia para a produção de vacinas no Brasil entre a AstraZeneca e a Fiocruz.

Com isso, passamos a integrar a elite de apenas cinco países que produzem vacina contra a Covid no mundo.

O Nosso governo não obrigou ninguém a ficar em casa, não fechou o comércio, não fechou igrejas ou escolas e não tirou o sustento de milhões de trabalhadores informais.

Sempre disse que tínhamos dois problemas pela frente, o vírus e o desemprego, que deveriam ser tratados com a mesma responsabilidade e de forma simultânea.

Destinamos, em 2020, 320 bilhões para o Auxílio Emergencial para atender aos mais humildes.

Esse montante equivale a mais de 10 anos de Bolsa Família. E mais de 190 bilhões para ajudar estados e municípios.

Alguns setores como bares e restaurantes, turismo, entre outros, em grande parte foram socorridos pelo nosso governo por meio do PRONAMPE (Programa Nacional de Apoio as Microempresas e Empresas de pequeno porte.)

Hoje mesmo sancionamos a nova lei do PRONAMPE, agora permanente, que pode destinar a vários setores até 25 bilhões de reais, onde 20% será destinado ao setor de eventos.

Terminamos 2020 com mais empregos formais que 2019. Somente nos primeiros quatro meses deste ano, o Brasil criou mais de 900 mil novos empregos.

O PIB projetado para 2021 prevê um crescimento da economia superior a 4%.

Só no 1º trimestre deste ano, a economia mostrou seu vigor, estando entre os países do mundo que mais cresceram.

Com o Congresso Nacional estamos avançando, aprovamos:

- A nova lei do gás;

- O marco legal do saneamento;
- A MP da Liberdade Econômica;
- O Banco Central independente; e
- E o novo marco fiscal.

Realizamos leilões de rodovias, portos e aeroportos.

Levamos internet para mais de 8 milhões de brasileiros em grande parte para as regiões Norte e Nordeste.

Ontem, a Bolsa de Valores bateu recorde histórico, a moeda brasileira se fortalece, e estamos avançando no difícil processo de privatizações.

A CEAGESP sob um comando honesto e responsável apresentou, além de lucro, um ambiente salutar entre os permissionários e funcionários.

Essa Companhia socorreu nossos irmãos de Aparecida e Araraquara, entre outras cidades do interior de São Paulo, doando dezenas de toneladas de alimentos.

As estatais, no passado, davam prejuízo de dezenas de bilhões de reais devido à corrupção sistêmica e generalizada. Hoje são lucrativas.

Nos dois primeiros anos do nosso Governo, a Caixa Econômica Federal bateu recorde de lucro mesmo reduzindo os juros do cheque especial, da casa própria, das micros e pequenas empresas e dos empréstimos às Santas Casas.

Estamos avançando na transposição do Rio São Francisco, levando água para todo o Nordeste.

Na infraestrutura, o nosso Governo tem construído pontes, duplicado rodovias, terminando obras paradas há décadas, como a BR-163 no Pará.

Ainda neste ano, será concluída a Ferrovia Norte-Sul, que ligará o Porto de Itaqui, no Maranhão, ao Porto de Santos, em São Paulo, é a retomada do modal ferroviário no Brasil.

Seguindo o mesmo protocolo da Copa Libertadores e Eliminatórias da Copa do Mundo, aceitamos a realização, no Brasil, da Copa América.

O nosso Governo joga dentro das 4 linhas da constituição, considera o direito de ir e vir, o direito ao trabalho e o livre exercício de cultos religiosos inegociáveis.

Todos os nossos 22 ministros consideram o bem maior de nosso povo a sua liberdade.

Que Deus abençoe o nosso Brasil.

